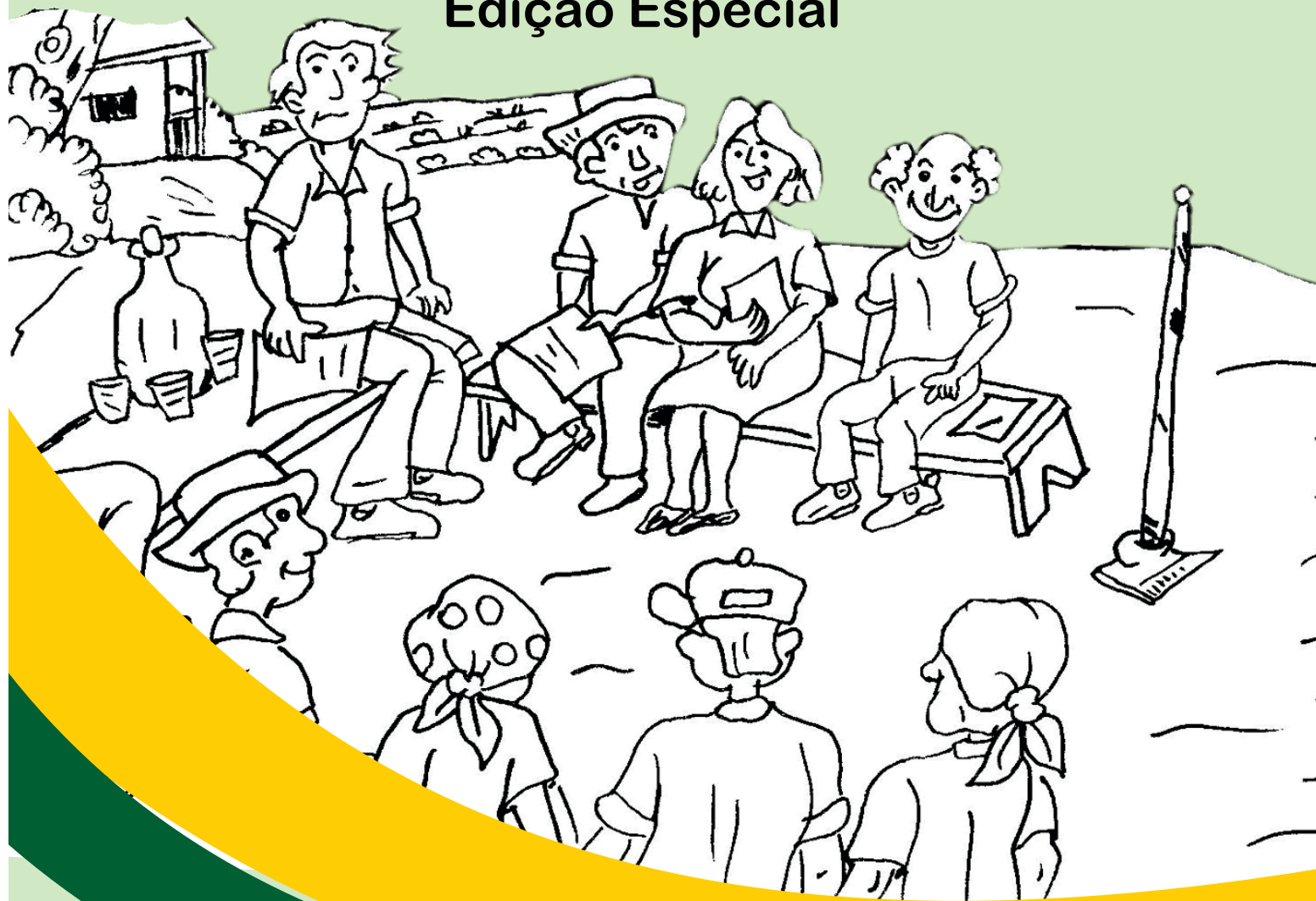


# Metodologias de ATER e Pesquisa com Enfoque Participativo

## EMATER-PARÁ

Edição Especial



EMATER-PARÁ



GOVERNO DO  
**PARÁ**

A extensão rural brasileira, em suas diversas fases, sempre foi um dos mais peculiares serviços públicos existentes no país. É notório que a partir da construção e implementação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural-PNATER, passamos a vivenciar o momento que consolida, no serviço de ATER, o protagonismo dos agricultores nos diversos processos de desenvolvimento.

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER-PARA), na reconstrução e revisão de sua postura, está externando a sua metodologia de trabalho, apontando de forma clara e objetiva como é, e será, a práxis dos seus extensionistas, por meio do acúmulo e experiência de longos anos de extensão rural. Os próprios autores, cientistas que são, observaram a necessidade de construir e sistematizar uma proposta metodológica que desse conta dos desafios de ser extensionista no tempo da PNATER, extensionista do século XXI, profissional que superou a fase da transferência e difusionismo.

Este livro é um manual de extensão moderno que deverá ser compreendido, debatido e internalizado por aqueles que têm compromisso com a agricultura familiar, com a reforma agrária e com o desenvolvimento sustentável e solidário, assim como por aqueles que interagem e respeitam os cidadãos do campo, convivendo harmoniosamente com as raças, gerações, gênero e diversidade étnica.

Faz-se necessário a aplicação definitiva de um modelo de desenvolvimento rural sustentável, a definição cristalizada do papel da extensão rural pública, a articulação e convergência das políticas públicas, de modo que sejam apropriadas e protagonizadas pelos agricultores e assentados da reforma agrária e termos a consciência de que os extensionistas têm um papel decisivo nesse processo. Esta publicação aconteceu num momento extremamente oportuno, em que a postura dos agentes foram revistas e os conceitos se consolidando. Por isso, não se fará extensão rural de vanguarda no Pará e no Brasil sem consulta a esta publicação

Argileu Martins da Silva  
Diretor da DATER  
Secretário de Agricultura Familiar  
Substituto.

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ  
EMATER-PARÁ**

**Metodologias de ATER e Pesquisa com  
Enfoque Participativo  
EMATER-PARÁ**

**EDIÇÃO ESPECIAL**

**MARITUBA - PARÁ**

**2012**

© 2012 EMATER-PARÁ

1ª edição (2007)

2ª edição (2007)

Edição Especial (2012)

Coordenação: Eng. Agrº Márcia de Pádua Bastos Tagore

Comissão de Sistematização:

Ana Lúcia da Costa Guerreiro (Pedagoga)

Edir Santana Pereira de Queiroz Neto (Eng. Ftal.)

Maria da Graça Loureiro Amaral (Socióloga)

Comissão de Revisão e Atualização da Edição Especial

Antônio Carlos Braga Macedo (Eng. Agrº)

Baziléa de Nazaré Araújo Rodrigues (Socióloga)

José Henrique da Silva Soares (Sociólogo)

Norma Iracema Silva da Rosa (Eng. Ftal.)

Revisão Técnica da Edição Especial

Cristina Reis dos Santos

Ivanete Ferreira Alves

Capa: NDI

Ilustrações: Nelson Jerônimo dos Santos Filho

Normalização Bibliográfica: Ana Cristina Ferreira (Bibliotecária) – CRB2/1420

Supervisão Gráfica: José André de Sousa

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará EMATER-PARÁ

Escritório Central - Rodovia BR 316-km 12 - Marituba - Centro - CEP.: 67105970 Tel.: (91) 3256-

1931/5660 - www.emater.pa.gov.br - presidencia@emater.pa.gov.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.160).

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Biblioteca da EMATER, Marituba – PA

---

M593 Metodologias de ATER e Pesquisa com Enfoque Participativo EMATER-PARÁ

Coordenadora Márcia de Pádua Bastos Tagore . - Belém: Gráfica da EMATER-PA, 2012.

96 p. il.

Inclui Bibliografias.

ISBN 978-85-65455-008

1. Extensão Rural. 2. Metodologia. 3. EMATER. I.Tagore, Márcia de Pádua Bastos.

II. Título.



## ***AUTORES***

### **Ana Lúcia da Costa Guerreiro**

Pedagoga, Especialista em Gestão Escolar e Supervisão de Ensino.

Escritório Central – Coordenadoria Técnica – Núcleo de Metodologia e Comunicação

voriaregia@hotmail.com

### **Edir Santana Pereira de Queiroz Neto**

Engenheiro Florestal, Especialista em Georeferenciamento e Avaliação de Territórios Rurais.

Escritório Central – Coordenadoria de Operações

eqneto@gmail.com

### **Erika de Santana de Souza**

Técnica em Documentação/Bibliotecária

Escritório Central - COTEC/NDI.

ndi@emater.pa.gov.br

### **Felipe José Soares Bezerra**

Engenheiro Agrônomo, Especialista em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável.

Escritório Central – Assessoria da Presidência

soaresbezerraf@terra.com.br

### **Franceli de Souza Silva**

Cientista Social com ênfase em Ciência Política

Escritório Regional de Marabá

francelis@bol.com.br

### **Francisca Fernandes Leite**

Engenheira Agrônoma, Especialista em Agricultura Integrada da Amazônia

Escritório Central – Assessoria da Presidência

ffleite@superig.com.br

**Lucival Solin C. Chaves**

Engenheiro Agrônomo, Especialista em Floricultura como Agronegócio.

Escritório Regional das Ilhas – Local de Benevides

lucivalsolin@oi.com.br

**Magareth Oliveira do Nascimento**

Socióloga, Especialista em Educação em Saúde Pública.

Escritório Regional de Conceição do Araguaia – Local de Santa M<sup>a</sup> das Barreiras

margarethon@hotmail.com

**Márcia de Pádua Bastos Tagore**

Engenheira Agrônoma, Especialista em Agricultura Familiar, Educação Ambiental e Crescimento de Vegetais.

Escritório Central - COTEC/NMC.

nmc@emater.pa.gov.br

**Maria da Graça Loureiro Amaral**

Socióloga, Especialista em Teoria Sociológica, Desenvolvimento de Comunidade e Educação Rural e Profissionalização de Agricultores.

Escritório Central – CPLAN/NEA

**Milton Guilherme da Costa Mota**

Engenheiro Agrônomo, Doutor em Agronomia na área de concentração de Genética e Melhoramento de Plantas.

Escritório Central – Assessoria da Presidência

mota@amazon.com.br

**Paulo Sergio Campos de Melo**

Engenheiro Agrônomo, Especialista em Heveicultura e Fitossanitarismo

Escritório Regional de Santarém

pscmpla@gmail.com

**Raimundo Nonato da Silveira Ribeiro**

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Ciências Florestais na área de concentração de Manejo Florestal e Silvicultura e Especialista em Extensão Rural e Gestão Estratégica.

Escritório Central – Assessoria da Presidência

ribeirorionata@ig.com.br

**Vicente de Paula Paiva Neto**

Engenheiro Florestal, Especialista em Exploração Vegetal

Escritório Regional de Tocantins

mapinguari@click21.com.br

**Wildes dos Santos Brito**

Engenheiro Agrônomo, Bacharel em Ciências Econômicas, Especialista como Agente de Inovação e Difusão Tecnológica e em Agricultura Integrada na Amazônia

Escritório Central – COPER/NSE II

wildesbrito@hotmail.com



## **LISTA DE SIGLAS**

<b>ABCAR</b>	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural, criada em 1956
<b>ACAR</b>	Associação de Crédito e Assistência Rural do Pará, criada em 1995
<b>ATER</b>	Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>ABC</b>	Agencia Brasileira de Cooperação
<b>ASBRAER</b>	Associação Brasileira das Entidades Estaduais de ATER
<b>DC</b>	Dia de Campo
<b>DM</b>	Demonstração de Métodos
<b>DRP</b>	Demonstração Técnica
<b>DT</b>	Demonstração Técnica
<b>EMATER-PARÁ</b>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
<b>MDA</b>	Ministério do Desenvolvimento Agrário
<b>MAPA</b>	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
<b>MRE</b>	Ministério das Relações Exteriores
<b>NMC</b>	Núcleo de Metodologia e Comunicação
<b>PROGATER</b>	Programa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural Pública
<b>PNATER</b>	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>SIBRATER</b>	Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>UD</b>	Unidade Demonstrativa
<b>UE</b>	Unidade de Experimentação
<b>UO</b>	Unidade de Observação



*Não há saber mais ou saber menos.*

*Há saberes diferentes.*

**Paulo Freire**

*A atividade mental humana é uma parte, pequena e periférica parte,  
da matéria da ciência. É igualmente verdadeiro, todavia, que o todo da  
ciência também é somente uma parte (...) da atividade humana.*

**Geoffrey Vickers**





## DEDICATÓRIA

*Aos agricultores familiares e extensionistas rurais que, por sua luta, dedicação e compromisso, vêm buscando transformar a realidade rural rumo à construção do desenvolvimento sustentável.*



## **AGRADECIMENTOS**

À Diretoria Executiva (DIREX)  
pela viabilização do trabalho

À Diretoria Técnica (DITEC)  
por ter acreditado na proposta e se  
empenhado para a efetivação da mesma.

À Coordenadoria Técnica (COTEC)  
pelo apoio e acompanhamento.

A todos que colaboraram direta  
ou indiretamente para a construção  
desta publicação.



## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>2 A EXTENSÃO RURAL E SUAS FUNDAMENTAÇÕES .....</b>	<b>24</b>
2.1 FUNDAMENTAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E ECONÔMICAS .....	24
2.2 FUNDAMENTAÇÃO SOCIOCULTURAL .....	27
2.3 FUNDAMENTAÇÃO SOCIOEDUCACIONAL .....	28
2.4 FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA .....	30
2.4.1 Enfoque agriecológico para a produção de base familiar .....	31
2.4.2 Mercados e produtos diferenciados da produção familiar .....	31
2.4.3 Organização/participação/solidariedade .....	32
<b>3 ABORDAGENS INTER, MULTI E TRANSDISCIPLINAR .....</b>	<b>33</b>
<b>4 A CONVIVÊNCIA PARTICIPATIVA NA EXTENSÃO RURAL .....</b>	<b>36</b>
<b>5 A COMUNICAÇÃO E A METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
<b>6 METODOLOGIAS DE ATER E PESQUISA .....</b>	<b>40</b>
6.1 METODO DE ATER E PESQUISA .....	40
6.1.1. Contato.....	40
6.1.2. Reunião .....	42
6.1.3. Visita .....	43
6.1.4. Curso .....	45
6.1.5. Diagnóstico Rural Participativo - DRP .....	46
6.1.6. Dia de Campo - DC .....	48
6.1.7 Excursão .....	50
6.1.8. Feira .....	52
6.1.9. Festival .....	53
6.1.10. Intercâmbio .....	55
6.1.11. Oficina .....	56
6.1.12. Semana Especial .....	57
6.1.13. Seminário .....	59
6.1.14. Unidade Demosntrativo (UD) .....	61
6.1.15. Unidade de Experimentação (UE) .....	63
6.1.16. Unidade de Observação (UO) .....	65

6.2. TÉCNICAS DE ATER E PESQUISA .....	67
<b>6.2.1. Demonstração Técnica (DT) .....</b>	<b>67</b>
<b>6.2.2. Entrevista .....</b>	<b>68</b>
<b>6.2.3. Palestra .....</b>	<b>69</b>
6.3. FERRAMENTAS DE ATER E PESQUISA .....	72
<b>6.3.1. Brainstorming ou Tempestade de Idéias.....</b>	<b>72</b>
<b>6.3.2. Diagrama de Venn .....</b>	<b>73</b>
<b>6.3.3. Fofa .....</b>	<b>75</b>
<b>6.3.4. Iceberg .....</b>	<b>76</b>
<b>6.3.5. Linha da Vida .....</b>	<b>78</b>
<b>6.3.6. Mapa Falado .....</b>	<b>80</b>
<b>6.3.7. Metáfora .....</b>	<b>81</b>
<b>6.3.8. Paisagem Organizacional .....</b>	<b>83</b>
<b>6.3.9. Pesquisa de Fatos .....</b>	<b>84</b>
<b>6.3.10. Seis Campos .....</b>	<b>86</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>95</b>



## PREFÁCIO À EDIÇÃO ESPECIAL

“Metodologias de ATER e Pesquisa com Enfoque Participativo” é o livro que traduz o resultado expressivo da participação e produção coletivas de um grupo de extensionistas rurais da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará, EMATER-PARÁ, que, em oficina técnica, ocorrida em agosto de 2007, teve o desafio de refletir e teorizar sobre o instrumental metodológico utilizado nas comunidades de agricultores familiares do Pará.

Ressalto inicialmente a preocupação salutar em considerar e associar aspectos que qualificam esta leitura, do ponto de vista técnico, como o pensar sistêmico, a interdisciplinaridade e os saberes da vivência de campo, construídos na relação entre as interfaces da extensão rural e a realidade dos sujeitos agricultores familiares, além de agregar ensinamentos valiosos ao repensar o papel do extensionista com base nas diretrizes da nova Lei Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, Ater [nº12.188/2010], que preconiza, entre outras orientações, *a adoção de metodologia participativa com enfoque multidisciplinar, interdisciplinar e intercultural, buscando a construção da cidadania e a democratização da gestão da política pública.*

Do ponto de vista dos fundamentos teóricos, destaco a preocupação de suscitar no leitor a compreensão dos aspectos metodológicos da extensão rural, a partir da reflexão crítica sobre as abordagens sócio-históricas, centradas nas concepções e paradigmas que permeiam as tendências metodológicas no âmbito da extensão rural pública, proporcionando a incursão sobre os modelos de extensão rural situados na trajetória histórica do cenário brasileiro que determinam e condicionam os métodos, técnicas e ferramentas de ATER, possibilitando, ainda, a reflexão sobre os processos metodológicos que convergem para uma proposta construtivista, participativa e relacionada aos princípios agroecológicos e ao desenvolvimento rural sustentável.

É o momento no qual tenho a honra de referendar esta obra que efetivamente representa o comprometimento e o profissionalismo com a

construção de processos educativos, técnicos e tecnológicos que possam contribuir, substancialmente, com um modelo de extensão rural pública, gratuita e de qualidade.

A obra, além da importância ímpar que representa para o cenário extensionista paraense, traduzida no total apoio dispensado pelo Governo do Estado ao processo de reelaboração e lançamento da edição especial, traz um formato moderno, com a assinatura de revisão feita por técnicos especialistas atuantes em áreas diversificadas da EMATER-PARÁ, com ampla experiência na atividade de campo e comprometimento profissional voltado ao desenvolvimento da missão da Empresa em prol da agricultura familiar do Pará.

Este trabalho surge como um dos marcos da produção científica editorial da extensão rural Amazônica, porque representa o acúmulo de décadas em que a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Pará, EMATER-PARÁ, vem buscando estabelecer a relação entre teoria e prática, referente à sua atuação e realidade da agricultura familiar paraense. Organiza o conhecimento trocado entre o saber científico e os saberes dos sujeitos das comunidades rurais e qualifica o acervo de conhecimentos coletivamente corroborados entre a instituição e sua gama de extensionistas rurais.

Desta forma, tenho orgulho de estar à frente desta Empresa Pública no momento do lançamento da edição especial deste livro, que tem a perspectiva de contribuir com o fazer extensionista por meio da atualização teórica deste trabalho e do lançamento inovador diferenciado pela edição e publicação, com versão digital e bilíngüe.

Ressalto ainda o especial apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE), que, por meio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), fez a tradução do livro para a língua inglesa, proporcionando-nos uma ocasião tão especial para o pré-lançamento desta publicação, que figurará como material didático referencial do Curso de Metodologias de Ater e Pesquisa com Enfoque Participativo na primeira capacitação internacional, realizada pela

EMATER-PARÁ e destinada a extensionistas rurais de países da África do Sul. No evento, a Empresa representará a Associação Brasileira das Entidades Estaduais de ATER, ASBRAER, por meio da cooperação técnica.

Agradeço profundamente pelo compartilhamento deste momento significativo na trajetória da EMATER-PARÁ e parabênizo a todos que contribuíram, direta e indiretamente, com a revisão, tradução e publicação da edição especial deste livro, que certamente será o referencial metodológico dos programas e projetos de cada escritório local e regional, somando-se ao processo de fortalecimento do trabalho valoroso que o Governo do Pará vem fazendo em benefício da agricultura familiar amazônica.

Cleide Maria Amorim de Oliveira Martins  
**PRESIDENTE DA EMATER-PARÁ**



## 1 INTRODUÇÃO

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará, EMATER-PARÁ, mediada pelos princípios do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural Pública do Estado do Pará, PROGATER-PA, é vista no cenário social como resultado da iniciativa compartilhada entre setores governamentais e não governamentais.

Ressaltando o papel atuante dos movimentos sociais, a EMATER-PARÁ desenvolve atividade social de atendimento ao segmento produtivo de base familiar, pautada na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, PNATER, tornando pertinente, neste momento, a reflexão acerca dos procedimentos metodológicos utilizados nas atividades direcionadas ao campo, objetivando-se dar conta do universo multifacetado em que consiste a agricultura familiar.

Considerando os procedimentos metodológicos, a complexidade no atendimento deste segmento torna-se um desafio, haja vista que é preciso refletir sobre a participação coletiva, os pressupostos da economia solidária, o apoio a práticas produtivas na forma sustentável, a valorização do espaço local-territorial e o paradigma da agroecologia, nos contextos: institucional, técnico, político, ambiental e social.

Neste entendimento, o presente trabalho, coordenado pelo Núcleo de Metodologia e Comunicação da Empresa – NMC, visa, como meta principal, possibilitar a revisão das práticas de Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER e pesquisa da EMATER-PARÁ com enfoque na participação efetiva dos sujeitos sociais. Pretendendo, assim, criar subsídios às práticas de campo, repensando conceitos, posturas e o aprimoramento das ações extensionistas, face às novas ruralidades demandadas atualmente.

Além da referência profissional, da qualificação técnica e da experiência vivenciada no campo, outros aspectos foram considerados na composição da equipe organizadora deste material: equidade na relação de gênero, entre sujeitos; a multi e a interdisciplinaridade, articulando e valorizando a diversidade de saberes e saberes diferenciados e a

a interpretações a partir de cada realidade, embora voltadas a um objetivo em comum.

Vale destacar que estas variáveis estão projetadas para outros momentos, além deste de construção, por serem entendidas como elementos constituintes e imprescindíveis à práxis e prática de extensão rural pública.

O livro, propriamente dito, é recurso de consulta para orientar o planejamento do trabalho de extensão, de forma participativa e coletiva, e como suporte teórico, destinado à seleção e à utilização de métodos e procedimentos específicos desta atividade. Nessa lógica, visa contribuir com a melhoria da eficiência, referente à comunicação e à interação entre sujeitos no contexto da ATER.

Para embasamento destas proposições, apresenta, inicialmente, o entendimento da ATER pública pelo viés da história, segundo os fundamentos sociopolíticos, econômicos, sociocultural, socioeducacional e técnico, descrevendo, em seguida, o entendimento metodológico, iniciando com o material produzido na oficina. A idéia central é remeter o leitor à reflexão crítica a partir dos cenários, dos sujeitos e das instituições sociais, bem como da relação intrínseca e indissociada que se estabelece entre eles, ou seja, do ponto de vista deste processo, as mudanças e transformações relacionadas a qualquer atividade social somente ocorrem por conta da historicidade própria dos sujeitos e pela efetiva participação social em resposta a determinado contexto.

Nos fundamentos sociopolíticos e econômicos estão descritos os variados cenários e condicionantes que caracterizam a história da extensão rural pública no Brasil e os acontecimentos relevantes que contribuíram para institucionalizar a atividade, direcionando o atendimento às comunidades rurais de base familiar.

A abordagem do contexto socioeducacional, essência da extensão rural pública, visa estimular a reflexão, do ponto de vista da superação de paradigmas educativos, que propõe a organização do trabalho de campo em sentido vertical, unilateral e de forma disciplinar, dissociada da realidade dos sujeitos. Propõe, também, repensar a prática extensionista a partir da

concepção holística, que busca compreender o sujeito da história em sua totalidade.

Na dimensão técnica, o livro faz abordagem de princípios que a prática metodológica deve considerar, vislumbrando transformações desejáveis e coerentes ao momento. Neste sentido, discute o enfoque agroecológico em seus diversos componentes no contexto da extensão: a produção de base familiar, a partir do entendimento da multifuncionalidade, que lhe é própria; a agricultura familiar, do ponto de vista de mercado e produtos diferenciados; a organização, participação e solidariedade, como processos indissolúveis a promoção da cidadania, e o desenvolvimento rural sustentável, como consequência de todos esses fatores.



## **2 A EXTENSÃO RURAL E SUAS FUNDAMENTAÇÕES**

No que concerne às fundamentações teórico-metodológicas sobre a extensão rural no Brasil, tomamos, como referência, as denominações referendadas por Costa Neto e Brandão dos Anjos (2002) que consideram as dimensões sociais como partes constitutivas da noção de sustentabilidade.

Considerar os aspectos sociais dissociados daqueles que fundamentam as relações políticas, econômicas, culturais, educacionais, técnicas, além de outras que, de forma integrada e articulada, fundamentam os diversos contextos experienciados pela história da extensão rural brasileira, é desconsiderar o que é fato: as questões sociais estão se sobrepondo às questões tecnológicas.

Não podemos conceber, como “seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais” (MORIN, 2005), a simplificação ou a fragmentação das multidimensões que, de forma complexa, se “imbricam” numa interdependência entre os aspectos sociais e a cultura socioeconômica, sociopolítica, socioeducacional, para um fazer técnico embasado no respeito às diferentes etnias que compõem o universo rural brasileiro, com ênfase na humanização desses sujeitos, construtores e reconstrutores de uma história “de desenvolvimento rural e de agricultura que assegurem maior sustentabilidade ecológica e equidade social”... levando-se “em conta as realidades dos distintos agroecossistemas”. (CAPORAL e COSTABEBER, 2007)

Diante desse contexto, a análise das fundamentações sociais sobre a história da extensão rural justifica-se pela abrangência e relevância dos diferentes aspectos, enfoques, conceitos e abordagens aqui apresentadas.

### **2.1 FUNDAMENTAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E ECONÔMICAS**

No Brasil, a extensão rural nasce marcada pela necessidade de contribuir com a nova ordem mundial, pós 2ª grande guerra (1939-1945), em que a expansão de mercados e o aumento das exportações traduziam o foco da conjuntura socioeconômica deste contexto histórico. Com esta finalidade, o discurso sobre a importância da modernização agrícola, inserida nas estratégias voltadas à política de industrialização do país, foi acentuado e amplamente difundido para a sociedade.

Torna-se necessário a organização de um corpo técnico para contribuir diretamente com os aspectos relacionados à agricultura, possibilitando a criação, em 1956, da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR. É importante frisar que a história da extensão brasileira não nasce das entranhas da realidade nacional, mas é um modelo imposto pelos interesses imperialistas do pós-guerra.

Em nosso país, a extensão rural, apesar da existência de fortes e significativas organizações de ATER estaduais, foi, durante muitos anos, centralizada pelo governo federal, possivelmente refletindo a necessidade dos “Programas de Ajuda” do governo norte - americano.

A influência desses “programas de ajuda” ao “desenvolvimento” do terceiro mundo construiu a caracterização do serviço de ATER nacional que, segundo Simões (2003), apresenta os seguintes modelos categorizados por Schmitz:

1) Modelo clássico (1948-1956): voltado para o crédito supervisionado e tinha como principal objetivo o aumento da produção e produtividade. Foi abandonado por causa dos resultados insatisfatórios;

2) Modelo difusionista-inovador (1956-1967): direcionado a pequenos e médios produtores, com o sucessivo processo de expropriação e crédito rural orientado. Este modelo perdeu seu sentido e a extensão mudou sua clientela;

3) Modelo de transferência de tecnologias (1968-1978): se concentrou na transferência de tecnologia numa visão orientada apenas ao aumento da produção, sendo o objetivo assistir o agricultor que explorasse comercialmente sua propriedade ao invés dos pequenos e médios produtores, cuja evolução era considerada demorada e retardava o avanço econômico. Nos planos governamentais desta época, a agricultura era pensada, ao mesmo tempo, como mercado para máquinas e insumos agrícolas e fonte de divisas.

Assim, o êxito da modernização conservadora foi alcançado, pagando altos custos sociais e ambientais: ao invés de fixar o homem no campo – um dos objetivos principais da criação do serviço de extensão – reforçou ainda mais sua saída. Fica superada a etapa de uma ação mais ampla diante da ambiência do produtor rural e sua família; o trabalho com jovens, no âmbito de

comunidade, não se justificava mais.

Vale ressaltar que a partir dos anos finais da ditadura militar brasileira se inicia o modelo do “repensar” da extensão rural, caracterizado pela luta de diversos setores em função da redemocratização. Novamente, o público preferencial é modificado, assim como o foco nos serviços e atividades são definidos: pequenos e médios agricultores e juventude rural, dando-se ênfase à produção de alimentos básicos e às atividades que levam ao fortalecimento de estruturas comunitárias. Portanto, as atividades da extensão rural voltam a priorizar o enfoque social.

O planejamento participativo, a importância do saber do agricultor e os princípios educativos de Paulo Freire, como a relação horizontal entre educador-educando, marcam o discurso de uma parte da extensão rural. Infelizmente estas propostas ficaram apenas no discurso e o modelo do repensar não conseguiu evitar o desmantelamento do serviço, apesar da luta interna de alguns agentes da ATER.

Neste contexto, o fortalecimento da sociedade civil, organizada no meio rural, impulsiona o Estado a formular uma PNATER, baseada em um novo paradigma que orienta tanto a ATER estatal quanto a não estatal. Tem como público alvo a agricultura familiar, busca a construção da cidadania, utilização de metodologias participativas e os princípios da transição agroecológica. Portanto, conforme Caporal e Ramos (2006), “uma nova ATER precisa ser, verdadeiramente, democrática e participativa”.

Diante desta breve síntese, podemos afirmar que a ATER pública e gratuita continua sendo um dos principais instrumentos de intervenção, ordenação e controle do Estado sobre o meio rural. O aspecto político se refere a isso: ao exercício do poder, quando debatemos o meio rural, estamos debatendo sobre o poder no meio rural. Na fase atual, é fato que há o fortalecimento da sociedade civil por meio de representatividade política, capacidades de negociação e manifestações, com apoio de vários intelectuais que animam o debate acerca da PNATER, que surge baseada em um paradigma construtivista e com ênfase nos princípios éticos e agroecológicos.

A partir de junho de 2003, a ATER é redirecionada do Ministério da

Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, para o Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, iniciando todo processo de construção da nova política, sistematizada na PNATER.

Construída por meio de uma ação social coletiva, a PNATER tem seu foco no atendimento de interesses, necessidades e expectativas comuns. Portanto, considera a dinâmica do caráter participativo na geração e construção social de conhecimentos e tecnologias.

A importância da centralidade da Agricultura Familiar no contexto da nova ATER está associada à dimensão espacial do desenvolvimento, porque permite uma distribuição populacional mais equilibrada no território, em relação à agricultura patronal, normalmente vinculada à monocultura, que gera grandes vazios populacionais, diminuição da qualidade de vida social e ambiental nos espaços rurais, estendendo-se aos centros urbanos.

Os agricultores familiares são tradicionais tanto no trabalho com a terra quanto em seu modo de vida. Tal tradição inclui uma relativa autonomia e uma organização familiar que compreende, dentre outros aspectos: o trabalho da família na propriedade; a produção de alimentos para consumo próprio; a produção destinada ao mercado e uma forma de sociabilidade, centrada nas comunidades rurais.

Assim, a agricultura familiar é entendida como aquela que combina a propriedade da terra com mão de obra familiar. Está organizada em torno da família, por uma lógica que reúne saberes e valores que asseguram a reprodução da unidade familiar, de produção e a da permanência do patrimônio. A terra tem um significado especial para os agricultores, de modo que, mesmo havendo a possibilidade de se manter ou de progredir, por meio do exercício de atividades não agrícolas, na unidade de produção familiar ou fora dela, a terra não perde seu sentido, ou seja, continua sendo à base do patrimônio familiar sobre a qual se constrói a família e o trabalho.

## 2.2 FUNDAMENTAÇÃO SOCIOCULTURAL

As formas de perceber cenários sociais, acontecimentos e o ambiente natural são processos determinantes que influenciam sobre o modo de ser, pensa e agir no mundo, com o mundo e para o mundo. Da mesma forma,

tornam-se responsáveis pela construção do referencial cultural de determinado grupo social, influenciando o sujeito na maneira de interagir com os outros e com o ambiente.

Nesse sentido, Caporal e Costabeber (2002) consideram que os saberes, os conhecimentos e valores locais precisam ser analisados, compreendidos e utilizados como ponto de partida nos processos de desenvolvimento. Nesse contexto, as possíveis intervenções devem respeitar e valorizar a cultura local, a diversidade e visão de mundo das diferentes etnias e populações, sem prejudicar a organicidade e totalidade do segmento agricultura familiar.

### 2.3 FUNDAMENTAÇÃO SOCIOEDUCACIONAL.

Entender as abordagens metodológicas, que fundamentam o fazer da ATER na dimensão socioeducacional, perpassa essencialmente pelo conhecimento e reflexão da trajetória histórica que envolve esta atividade social.

O paradigma da revolução verde incentivou o modelo químico, biológico e mecânico de agricultura industrial, com vistas à “modernização da agricultura”, por meio dos pacotes tecnológicos advindos dos grandes centros de pesquisa.

Cabe à extensão rural, como atividade social, atuar de forma comprometida com o desenvolvimento rural sustentável e a serviço dos beneficiários, principais sujeitos de todo o processo metodológico de (re) construção do conhecimento.

Isto quer dizer que a extensão rural, como processo educativo, não ocorre de forma neutra. A opção metodológica, por essência, é intencional e atrelada a uma visão de mundo. Portanto, é uma ação política tanto quanto educativa, que tem finalidade de mediar à construção do saber comum e do saber técnico, procurando corresponder à determinada realidade e contextos (políticos, econômicos, culturais, ambientais). A escolha metodológica é sinalizadora do caráter político e social que a extensão rural adquire na prática de campo.

A história mostra que o modelo de educação vigente no país, até meados dos anos 80, esteve pautado nos ideais europeus e norte-americanos, dissociado da realidade e necessidades emanadas no país. O pressuposto tecnicista, com a predominância da técnica sobre os demais componentes do processo ensinar-aprender, e indiferente às variadas dimensões que se conjugam nesta relação, inspirou todo o sistema e práticas educativas do momento. O ensino tido como a atividade principal e o educando compreendido como sujeito passivo, um receptor de conhecimentos prontos e acabados. A educação, nesta concepção, é entendida como processo neutro e especificamente comportamental, centrada no fazer a partir de modelos pré-estabelecidos.

Neste mesmo processo, a criação e implantação do modelo de extensão rural no Brasil, correspondendo ao modelo econômico vigente, o modo capitalista, sofrem influência do paradigma funcionalista-estruturalista norte-americano. O importante era corresponder às expectativas da conjuntura com relação à atividade produtiva: eficiência, eficácia e produtividade.

A ação do extensionista, nesta perspectiva, toma, como orientação, práticas reprodutivistas de modo unilateral; o saber técnico é repassado como verdade absoluta, sem considerar o conhecimento popular e a realidade local. O fundamento técnico das metodologias tem suporte na demonstração —o que e como fazer— de forma pontual, isolada, fragmentada e, basicamente, pela exposição oral. Entretanto, já nesse momento existia um movimento de contestação a esse modelo unilateral de orientação prática, que vem se consolidar a partir da década de 80, com a redemocratização do país e outras transformações conjunturais, como a ampliação da atuação dos movimentos sociais do campo e na cidade e a amplitude do conceito de participação.

Novos paradigmas surgem reorientando a reflexão e discussão em torno das práticas de extensão rural no território brasileiro. Assim, se descobrem as contribuições dos grandes teóricos da educação, como: Piaget, Vigotsky, Gramsci e Paulo Freire. Estas contribuições estimulam novas interpretações e posturas diferenciadas emergem, reforçando e reconhecendo o sentido histórico do sujeito do campo como construtor do próprio conhecimento e da história.

A extensão rural é fortemente influenciada pelas novas correntes pedagógicas que anunciam elementos diferenciados na relação ensinar-aprender. A participação, o diálogo, a construção intrínseca, a flexibilidade e a interdisciplinaridade passam a orientar a práxis crítica e reflexiva na ação extensionista, considerando determinante o envolvimento e a participação dos agricultores familiares como sujeitos, em todo processo de trabalho da ATER. O enfoque participativo, que possibilita a expressão do pensamento, de problematizar a própria realidade, e o construtivo, o sujeito é o construtor do próprio conhecimento, são pautados nas discussões subjacentes a um contexto diferenciado da extensão rural.

Considerando o caráter educativo, que lhe é inerente, a extensão rural deve primar por práticas metodológicas que possibilitem a ação-reflexão-ação, dando, ao próprio sujeito, a oportunidade de construção e reconstrução dos saberes necessários à vida social e à atividade produtiva de forma consciente.

Os procedimentos metodológicos, na perspectiva da participação, têm como diferencial o comprometimento político e social, deixando de representar o centro do processo como um fim em si mesmo, passando a ser compreendido como meio, um caminho para possibilitar a participação e emancipação dos sujeitos do campo.

## 2.4 FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA

A abordagem técnica fundamentada no uso das metodologias participativas passa por profundo processo de reflexão sobre as práticas extensionistas desde os meados do século XX, décadas de 40 e 50, até o início dos anos 80. O surgimento dos movimentos sociais, a luta pela anistia, as diretas já, a plena efervescência da questão ambiental no mundo, o surgimento da Agroecologia, como ciência ou disciplina científica, ferramenta fundamental para a construção de um novo paradigma de desenvolvimento, influenciam novas formas de produção e de relações socioambientais. Neste processo, a agricultura de base familiar assume destacada relevância.

A base teórica, que fundamenta o uso das práticas metodológicas de



ATER e de pesquisa ação, passa necessariamente pelo entendimento holístico do sistema natural e das relações que se estabelecem na evolução das sociedades humanas, bem como no uso dos recursos naturais, para a produção de alimentos e matéria-prima pelas gerações presentes e futuras, permeando todo o processo de planejamento, que deve ponderar os seguintes princípios e/ou enfoques:

#### **2.4.1 Enfoque agroecológico para a produção de base familiar.**

Este enfoque veio em contraposição ao paradigma da Revolução Verde, baseado na industrialização química e produção de insumos modernos a partir de uma visão de mundo unilateral, em que a noção de conhecimento único e verdadeiro está centrada no conhecimento científico, deixando à margem a experiência e o conhecimento dos agricultores, tornando-os invisíveis do ponto de vista político, social e econômico.

Ao centrar sua ênfase no enfoque agroecológico, a PNATER estabelece os fundamentos para a produção de base familiar, considerando-a unidade de produção e consumo, o que determina que o cultivo de bens desse setor significativo da agricultura deve levar em conta as suas exigências, como consumidor, e as suas necessidades, como produtor de bens, de tal sorte que na discussão das práticas desenvolvidas pela ATER sejam consideradas não só a visão de mercado, mas também a situação do agricultor familiar, tal qual uma unidade de produção e consumo;

#### **2.4.2 Mercados e produtos diferenciados da produção familiar**

Nas relações com o mercado, a agricultura familiar, conforme o que determina a PNATER, deve adotar estratégias que impliquem não só vantagens econômicas, mas que tenha noção de que os sistemas e arranjos produtivos locais são os mais adequados, em relação à manutenção da biodiversidade, à potencialização e à agregação de valor aos produtos em que há o maior acúmulo de experiências, contribuição de tradições, consideradas milenares, que possibilitem menor custo e maior acessibilidade ao mercado;

### **2.4.3 Organização/participação/solidariedade**

Uma das heranças deixadas pelo paradigma da Revolução Verde à agricultura Familiar está relacionada a práticas de organização próprias, que a adoção dos pacotes tecnológicos retirou do processo de produção familiar, que estava intimamente ligado ao modo sistêmico de produzir desses agricultores. A prática do cultivo por produto eliminou modos de organização internos à produção familiar, como: a prática do mutirão, a troca de dia, dentre outros, que serviam como estratégia de potencialização da mão de obra e estilo a práticas organizativas de caráter solidário.

### **2.4.4 Desenvolvimento local/territorial**

O termo desenvolvimento local/territorial possui uma ambigüidade, tendo em vista que o desenvolvimento local não se dá de forma isolada, imune a qualquer referência externa. Ao falarmos de desenvolvimento local, especificamente da comunidade, vamos encontrar elementos que não fazem parte do contexto local, mas sim do município, do estado ou do país.

A introdução da noção de território, por ser mais abrangente, envolvendo várias comunidades, municípios, regiões, tem uma dimensão mais ampla da realidade, envolvendo aspectos físicos, espaciais, históricos, políticos, ambientais e culturais. Geralmente, esses aspectos característicos de uma determinada comunidade, município ou região se assemelham, exigindo um aporte de políticas públicas que atenda o conjunto e não apenas uma unidade, de forma isolada.

Essa noção de desenvolvimento relaciona-se a idéia de que o desenvolvimento tem que estar centrado na realidade local, nos costumes, hábitos e tradições locais, sem perder de vista as estratégias que devem estar articuladas a fatores externos como forma de impulsionar e estimular o desenvolvimento local, considerando o aspecto de sustentabilidade.

### 3 ABORDAGENS INTER, MULTIE TRANSDISCIPLINAR

“A linguagem disciplinar [...] não deu conta de provocar a interação entre os conhecimentos das várias disciplinas criadas pela ciência moderna.” (BARBOSA, 2001)

Sabe-se que “O mundo acadêmico é o mundo das disciplinas”. O avanço da ciência e o progresso tecnológico devem, em boa parte, à verdadeira explosão da pesquisa disciplinar.

“A complexificação dos problemas tornou necessária a aproximação e a associação gradual das disciplinas, em diferentes graus, do mais simples - o da multidisciplinaridade, ao mais completo - o da transdisciplinaridade” (CHAVES, 1988)

Segundo Magalhães (2005), em um mundo de velocidade, imediatismo e tempo real na socialização do conhecimento, no qual os indivíduos têm, mais e mais, necessidade de reter uma grande quantidade de informações, as práticas pedagógicas disciplinares precisam ser repensadas.

Considerando que a extensão rural assenta-se em processos educativos complexos, faz-se necessário dar ênfase a importância de se trabalhar os diferentes olhares dentro de uma perspectiva de solução de um mesmo problema, definindo a abordagem multi, inter e transdisciplinar, tomando por base Piaget (*apud* CHAVES, 1988), que considera que há ocorrência da multidisciplinaridade quando “para a solução de um problema, torna-se necessário obter informação de duas ou mais ciências ou setores do conhecimento, sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas”; designa a interdisciplinaridade como “o nível em que a interação entre várias disciplinas ou setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações reais, a certa reciprocidade no intercâmbio levando a um enriquecimento mútuo”; o que concerne à transdisciplinaridade, o conceito envolve “não só as interações ou reciprocidade entre projetos especializados de pesquisa, mas a colocação dessas relações dentro de um sistema total, sem quaisquer limites rígidos entre as disciplinas”, portanto, em sua amplitude, é o que está *entre* as disciplinas, *meio de* diferentes disciplinas e *além de* todas as disciplinas, num contexto de

complexidade que “imbrica” ciências exatas, humanas, arte, literatura, poesia e experiência anterior.

As formas de inserção e abordagens relacionadas à extensão rural pública e gratuita são determinadas pelo modo como o trabalho em si é organizado no âmbito da ação dos extensionistas. Estas formas, seja na dimensão teórica ou na dimensão técnica, podem se manifestar de maneira diversa, dependendo da concepção que se tem sobre o papel da extensão rural e sobre os sujeitos nela envolvidos.

Do ponto de vista da totalidade que circunda a natureza humana nas suas contradições, limitações, necessidades e interesses, o trabalho de extensão rural quando organizado predominantemente em áreas específicas, para atender fatos isolados e circunstanciais, se mostra fragmentado. A atividade especializada, isolada, tende a concentrar o atendimento em demandas pontuais, independente de outras necessidades que naturalmente compõem o mesmo contexto da realidade rural. São ações, por vezes, dissociadas do todo e que não admitem interpretações de outros saberes e/ou áreas de conhecimento sobre o processo.



Desenho 1 – Representação da concepção de educação tradicional, na qual o EDUCADOR é tido como TRANSMISSOR de informações  
Fonte: EMATER-PARÁ

O ponto de partida para a organização das ações, nesta concepção, toma como referência primeira a especificidade, seja da área de conhecimento especializado, da tecnologia ou do fazer técnico, e não o contexto total, maior, que diz respeito à realidade das comunidades rurais. Alguns saberes são projetados como de maior valor em relação a outros e representados em áreas compartimentalizadas, ocasionando dicotomias irreparáveis ao contexto da extensão, tanto nas várias disciplinas que as compõem quanto na questão corporativa. Exemplo desta circunstância é o distanciamento que se estabelece entre o campo das Ciências Humanas e Sociais e o campo da Agronomia e Ciências afins — a área social e a área econômica - que faz parte da história da extensão rural pública no Brasil. É a negação do diálogo e da integração entre campos de saberes, que, na perspectiva de conjunto, possibilitam a qualificação da ATER.



Desenho 2 – Representação da concepção de educação tradicional, na qual o sujeito é tido como RECEPTOR, passivo, de informações.

Fonte: EMATER-PARÁ

Assim como a condição humana, as próprias relações sociais não se processam em partes, isto é, não se vivencia, por exemplo, o aspecto emocional, o social e o profissional em momentos isolados e dissociados, da mesma forma, os conhecimentos devem ser canalizados para atender a natureza humana em sua totalidade.

#### 4 A CONVIVÊNCIA PARTICIPATIVA NA EXTENSÃO RURAL

A convivência participativa na ATER tem, em si mesma, um conteúdo ambivalente. Por um lado, a individualidade de um sujeito que é único, **o técnico**, portador de cultura, de visões de mundo, de expectativas, sonhos e experiências concebidas e vivenciadas, geralmente, a partir da visão urbana de mundo; do outro, também um sujeito que é único, **o agricultor**, portador de cultura, visões de mundo, expectativas, sonhos, experiências concebidas e vivenciadas numa visão rural, de profunda interação com a terra, a natureza e, não raro, mediado pelo conflito e a violência.

Por serem, esses indivíduos, de mundos diferentes, há de se ter um conjunto de medidas de natureza comportamental que oriente a relação entre ambos e facilite a comunicação entre eles. Base, portanto, de uma participação orgânica que impulse todos na direção de um objetivo comum: desenvolvimento rural sustentável construído de forma participativa, sem perder de vista a necessidade de modelos de gestão mais participativos, resgatando a importância do compromisso e da responsabilidade do técnico que induz a uma ação mais reflexiva e criativa, estabelecida em processos de desenvolvimento sustentável e não apenas de execução de tarefas.

Ainda que a prática pedagógica esteja embasada na troca de saberes, ela só será possível se a linguagem utilizada for decodificada e entendida por todos. Assim, mesmo que, por hábito ou conhecimento especializado, o mediador tiver que usar a linguagem técnica, deverá fazê-lo de forma inteligível ao público orientado, sempre que possível.

No processo de convivência, ser compreensível e respeitoso em relação às crenças, hábitos, costumes e ideologias expressos nas práticas comunitárias, sem que isso signifique uma atitude de neutralidade, e não assumir posicionamentos, atividades e tarefas específicas da comunidade.

## **5 A COMUNICAÇÃO E A METODOLOGIA**

A comunicação e a metodologia são temas intrínsecos e suporte transversal ao trabalho de ATER que é desenvolvido no Estado do Pará. É fato a impossibilidade de separação destes processos em termos reais e práticos, visto que nenhum arcabouço metodológico pode ter sustentação sem considerar um processo eficaz e eficiente de comunicação entre sujeitos.

Em se tratando da agricultura familiar, um segmento social de múltiplas faces ao incorporar no seu interior as populações tradicionais (indígenas, quilombolas e extrativistas), há necessidade de um novo olhar e uma nova prática do extensionista, tendo em vista que os processos de comunicação dessas populações possuem signos e códigos próprios que precisam ser desvendados e compreendidos, a fim de que a construção da mensagem mostre a visão coletiva dessas populações e sua natureza totalitária que, dentro da perspectiva da interculturalidade, a sua realidade, os seus hábitos e costumes possam ser parte ativa e não integrativa no processo de desenvolvimento rural sustentável cuja essência deve preservar a autodeterminação e autonomia dessas populações.

Embora se tenha presente os aspectos tecnológicos como indutores do desenvolvimento e os processuais como gestão da sustentabilidade, da interdisciplinaridade e totalidade, outros aspectos igualmente importantes devem ser considerados, no que diz respeito à comunicação e às metodologias aplicadas na extensão rural, ou seja, é preciso fazer a interface com a cultura, a política, a economia (sob a ótica do comércio justo e solidário), a gestão participativa e o respeito à natureza em seus diversos inter-relacionamentos.

Torna-se necessário que esse contexto complexo e exigente, quanto ao uso de metodologias participativas, atenda ao universo variado e, ao mesmo tempo, único da agrobiodiversidade, entendida aqui como a infindável manifestação de vida, em cadeias interativas, constituídas de atividades agrícolas, não agrícolas e extrativistas que fazem parte do cenário rico e variado que envolve a biodiversidade amazônica.

Contudo, a nova política de ATER define como funções da Extensão Rural:

Estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não agrícolas, pesqueiras, de extrativismo, e outras, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando à melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações (BRASIL, 2004).

A agricultura amazônica é multivariada por natureza e mediada por práticas milenares que, face ao contexto da questão ambiental, adquirem relevância como ponto de partida para refletir e impulsionar atividades e práticas sustentáveis, cuja divulgação e intervenção devem estar consubstanciadas em ações participativas.

Instrumentos, processos e metodologias participativas, nada adianta se a prática for de encontro ao discurso. A participação pressupõe uma mudança de postura, de comportamento, em que todos são respeitados de forma igualitária, não existindo a hierarquia de poder, assim, pois:

“[...] quando trabalhamos com enfoque participativo, nossa atenção não deve estar centrada nos instrumentos, métodos e técnicas, mas naquilo que constitui a questão central da participação: o poder. Ou melhor, as disputas sobre o poder. Instrumentos participativos têm como função principal ajudar a estruturar as disputas sobre poder entre atores sociais, torná-las mais transparentes e, dessa forma, contribuir para uma distribuição mais eqüitativa de poder.” (BROSE, 2001).

Para efeito didático, a seleção da metodologia apresentada neste referencial foi orientada pelos três princípios, a seguir expostos: o grau de intensidade do uso do método, a abrangência da aplicabilidade e o custo de utilização. Por outro lado, há que se considerar que não há uma rigidez no uso do método, da técnica ou da ferramenta.

Há momentos, principalmente em relação aos dois primeiros princípios citados anteriormente, que um método, ou técnica, pode ser utilizado durante a aplicação de outro método, como forma de subsidiar sua execução, sem descaracterizar o objetivo principal, cabendo ao extensionista adequar as ações a cada realidade observada.



Podemos citar, por exemplo, a utilização do método palestra como técnica metodológica para execução do Dia de Campo.

Determinados métodos e técnicas não são considerados especificamente como de ATER, mas, devido à natureza e à aplicabilidade, foram incorporados e vêm sendo utilizados com bastante propriedade na extensão rural.

## **6 METODOLOGIAS DE ATER E PESQUISA**

Representam o conjunto de métodos aplicados à extensão rural e pesquisa, sendo um processo que analisa a funcionalidade, potencialidades, limitações e possibilita avaliar os pressupostos ou implicações de suas utilizações.

Possuem, também, uma definição entendida como a abordagem teórica do conjunto procedimental e instrumental para comunicação e interação com sujeitos do campo.

Segundo Kummer (2007), quando se usa o termo “metodologia participativa”, fala-se de um conjunto de métodos com características semelhantes usados para atingir o mesmo objetivo, baseado no princípio fundamental da participação.

### **6.1 MÉTODO DE ATER E PESQUISA**

Caminho previamente planejado que orienta a utilização de diferentes técnicas, meios e procedimentos para alcançar um fim determinado na extensão rural.

Os métodos são instrumentos de apoio escolhidos como recurso para comunicação e interação entre as especificidades rurais e os sujeitos do campo. Todavia, a opção metodológica deve ser escolhida considerando cada realidade, compreendendo as especificidades socioculturais e o interesse de pessoas, ou grupo de pessoas, e com finalidades pré-estabelecidas. Entre eles destacamos:

#### **6.1.1. Contato**

Método de comunicação e relacionamento que se realiza por meio de conversa formal ou informal, de forma planejada ou ocasional, em locais diversificados. Sua principal característica é que o público atendido pode, ou não, estar inserido no planejamento local de ATER da instituição.



Desenho 3 – Representação do cenário com aplicação do método CONTATO.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Estabelecer a comunicação com o público em geral, possibilitando a troca de informações, esclarecimentos e orientações diversificadas com relação a ATER.

Pode ser utilizado de modo eventual, em local indeterminado, quando existir demandas de atendimento aos indivíduos que busquem informações específicas, e no próprio escritório, quando necessário realizar qualquer atendimento previamente programado. Neste contato, o extensionista informa previamente ao interessado o motivo desta forma de atendimento, assim como, deve deixar evidente a importância da comunicação entre eles para esclarecimentos e orientações afins. Já no contato eventual, o processo ocorre conforme a necessidade da atividade institucional.

### **Processo de organização e execução**

Em ambas as formas, o extensionista deverá dispensar atenção devida ao público, demonstrando interesse e segurança à natureza do atendimento,

fortalecendo a qualidade do relacionamento e do diálogo, a confiabilidade e credibilidade no atendimento técnico à instituição.

### **Tempo e número de participantes sugerido**

O tempo sugerido à utilização da técnica deve variar entre 10 a 15 minutos, para atendimento a uma ou duas pessoas por contato, no máximo.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Em função do tempo, não se recomenda técnicas e ferramentas auxiliares.

## **6.1.2. Reunião**

Método de comunicação participativa, interativa e reflexiva, no qual duas ou mais pessoas se agrupam para tratar, discutir, debater, e/ou informar diferentes assuntos, cujos encaminhamentos poderão, ou não, ser consensuais, tendo por base interesses e necessidades dos envolvidos.



Desenho 4 – Representação do cenário com aplicação do método REUNIÃO.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Desenvolver processo de reflexão a partir de questionamentos, confrontos e associações de ideias, informando e debatendo, para solucionar, deliberar e/ou assumir compromissos. Quando for necessário, informar, discutir problemas e propor soluções e/ou encaminhamentos.

### **Processo de organização e execução**

Planejamento participativo estabelecendo: objetivo, seleção do público, indicativo de pauta, data, local, materiais, convites e divulgação, avaliação e registro.

Abertura da reunião com a leitura da pauta, apresentação do coordenador, do secretário e a dinâmica de participação e registro em ATA.

### **Tempo e número de participantes sugerido**

Em situação normal, até 2 horas; em situações extraordinárias, dependendo da natureza da reunião, pode se prolongar por mais tempo. Pode ser de grande abrangência, dependendo do objetivo do trabalho.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Palestra, FOFA, Dinâmicas de grupo, entre outras.

#### **6.1.3. Visita**

Método de atendimento programado e planejado previamente, utilizado para atendimento específico do público fim, objetivando assistir tecnicamente a unidade de produção familiar, os projetos em desenvolvimento, as organizações rurais nas formas de grupos, associações e cooperativas, entre outros.



Desenho 5 – Representação de cenário com aplicação do método VISITA  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Diagnosticar situações localizadas, informar, trocar experiências, prestar assistência, acompanhar, avaliar, redirecionar ações e assessorar.

Apesar de ser um método eficiente, deve ser levado em consideração o alto custo de sua execução comparativamente aos demais. Deve ser realizada conforme o planejamento do extensionista (calendário de atividades) ou, eventualmente, em função de demanda específica.

### **Processo de organização e execução**

Planejar objetivos, ferramentas e recursos necessários ao bom desenvolvimento da atividade. O extensionista deve obter informações prévias à execução da visita e dispor do cadastro da propriedade, para acompanhamento das informações e demais registros necessários.

### **Tempo e número de participantes sugerido**

A realização desta atividade é relativa. Está atrelada ao tempo que for necessário para cumprimento da programação e ao número de participantes a atender.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Demonstração técnica, questionários, mapa falado, entrevistas e outros.

#### **6.1.4. Curso**

Método para processo de formação inicial e continuado que utiliza um conjunto de atividades teóricas e práticas de natureza educativa, com programação específica. Organizado em determinada carga horária e deverá ser ministrado por especialista no assunto.



Desenho 6 – Representação de cenário com aplicação do método CURSO

Fonte: EMATER-PARÁ

#### **Objetivo e Aplicabilidade**

Possibilitar a (re)construção de conhecimentos sobre tecnologias, saberes ou saberes complementares, assim como práticas que contribuam para qualificação ou aperfeiçoamento do trabalho no campo e melhoria da qualidade de vida. Além disso, durante sua execução, permitir à capacitação de um número significativo de pessoas em menor espaço de tempo, dando mais celeridade à difusão do conhecimento compartilhado e/ou construído.

Utilizado para capacitação técnica nos diversos temas existentes na Extensão Rural, com ênfase na Agricultura Familiar.

### **Processo de planejamento e execução**

Na organização, identifica-se o público e definem-se os recursos (humanos, materiais e didáticos); convite aos participantes e aos instrutores; identificação do conteúdo, metodologia e carga horária e da infraestrutura necessária; levantamento de custos e divulgação; acompanhamento e avaliação.

Na execução ocorre: a apresentação dos participantes, a definição do acordo de convivência coletiva, a apresentação da programação geral do curso (conteúdo, metodologia, carga horária), a entrega do material e a avaliação.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Mínimo de 40 horas de duração, porém, quando se tratar de cursos de natureza modular/presencial, haverá flexibilidade da carga horária, extrapolando esse período mínimo estabelecido. Se destinado ao pequeno público, formar turmas de no máximo 40 participantes; para grande público, utilizar recursos da capacitação massiva, formando turmas com até 100 ou mais participantes.

Contudo, as experiências de campo têm demonstrado que ao se trabalhar com um número acima de 25 participantes, principalmente quando a metodologia requer conteúdo prático, infraestrutura limitada do local e poucos recursos didáticos disponíveis, poderão ocorrer problemas, como dispersão e evasão de pessoas.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Palestra, seminário, dinâmicas de grupo, demonstração técnica, METAPLAN e outras.

## **6.1.5. Diagnóstico Rural Participativo - DRP**

Método de pesquisa participativa que utiliza um conjunto de técnicas e



ferramentas, contribuindo para a construção de diagnóstico nas comunidades rurais a partir de uma matriz, na qual os participantes poderão compartilhar informações, registrando a percepção do grupo sobre problemas e potencialidades da comunidade, da região, do município ou do território, além de permitir às pessoas, ou grupo de pessoas, a (re)descoberta da história de sua comunidade e subsidiando o gerenciamento comunitário participativo, com vistas ao desenvolvimento rural sustentável.

### **Objetivo e aplicabilidade**

Sistematizar ideias e informações sobre a realidade da comunidade, região, município ou território no processo de construção do planejamento participativo, com encaminhamentos de ações, a partir de problemas e potencialidades identificados pelos participantes.

O diagnóstico exige do moderador a postura imparcial no gerenciamento das discussões e de possíveis conflitos, sem indução de respostas ou resultados, prezando sempre pelo caráter participativo e igualitário, com respeito ao conhecimento endógeno, promovendo a participação de todos.

A aplicação do DRP é sugerida quando há a necessidade de identificação de demandas dos sujeitos, que irão orientar o planejamento na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável, com a participação dos diferentes atores sociais envolvidos neste processo

### **Processo de organização e execução**

Realizar reunião preparatória para decidir, discutir e negociar a metodologia para auxiliar a realização do diagnóstico; identificar e mobilizar os representantes dos diferentes grupos da comunidade; escolher local para realização do DRP; elaborar cronograma de execução; indicação e preparação da equipe moderadora do processo; identificar as expectativas dos participantes do DRP.

É necessário organizar as informações, elegendo, hierarquizando e priorizando problemas e potencialidade por campo, interpretar os dados,

identificar alternativas de ação diante das demandas apresentadas, sistematizar e socializar as informações obtidas durante o DRP à comunidade.

Entende-se que a devolução e socialização das informações para a comunidade devem ser feitas logo após o processo de sistematização, pois um longo período sem contato com o grupo pode levá-lo ao esquecimento e colocar em descrédito a instituição.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

O tempo é variável de acordo com a comunidade na qual o DRP será aplicado e em função do número de pessoas envolvidas no processo de aplicação do referido diagnóstico, para reconhecimento e interpretação das informações. O número de participantes, portanto, é variável de acordo com a realidade de cada comunidade.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Metáfora, Diagrama de Venn, Tempestade de Ideias, METAPLAN e outras.

#### **6.1.6. Dia de Campo – DC**

Método que permite abordagem simultânea dos aspectos teóricos e práticos, envolvendo um determinado tema que requer tanto a orientação técnica quanto a demonstração prática.

É realizado numa propriedade rural, na qual as práticas e/ou tecnologias divulgadas sejam utilizadas nas condições locais, possibilitando aos participantes a observação, a discussão e a análise das questões apresentadas.



Desenho 7 – Representação de cenário com aplicação do método DIA DE CAMPO.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Divulgar resultados e/ou inovações tecnológicas que, por sua complexidade, necessitem ser expostos sequenciadamente, com a finalidade de provocar nos participantes o interesse e a motivação para a adoção da tecnologia apresentada.

O método é estruturado na forma de estações, nas quais os assuntos tratados são detalhados, caracterizados e demonstrados na sua especificidade.

### **Processo de organização e execução**

A equipe extensionista, a comunidade e os parceiros trabalham juntos no processo de organização deste método e deverão utilizar os recursos disponíveis no local, bem como dividir as atividades em equipes (coordenação, infraestrutura, técnica, recepção, alimentação, transporte, mobilização e divulgação).

Na execução, organiza-se o tema principal, dividindo-o em estações identificadas por placas. Haverá guias para conduzir os participantes a essas

estações, formando um circuito de informações no local, no qual cada expositor irá apresentá-las por meio de recursos pedagógicos, como o álbum seriado.

É importante definir os expositores e o tempo para as exposições e debates, para que os grupos percorram, de maneira sincronizada, as diversas estações; ao final, realizar plenária com todos os convidados e expositores para esclarecimentos afins e avaliação da atividade.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

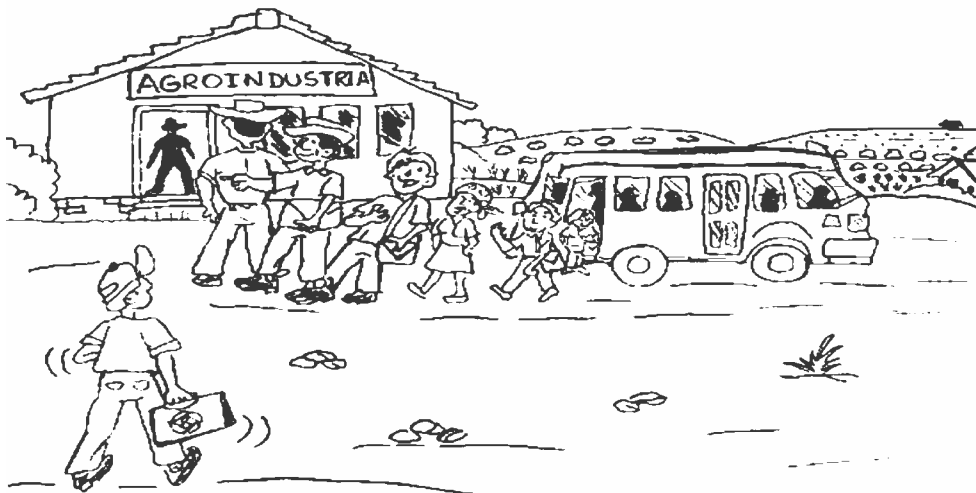
O tempo de realização deste método é de 04 a 06 horas. Pela sua complexidade, é indicado para 80 participantes, aproximadamente.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Reunião, Visita, Dinâmica de Grupos, Palestras e Demonstração Técnica e outras.

#### **6.1.7. Excursão**

Método planejado que visa demonstrar e divulgar as experiências rurais bem sucedidas a um grupo de pessoas com interesses comuns, por meio de visita orientada que permite a observação, reflexão e troca de informações e saberes afins.



Desenho 8 – Representação de cenário de aplicação do método EXCURSÃO  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Munir os grupos de agricultores e gestores de informações e conhecimentos, tendo como referência uma experiência vivenciada por grupos em condições semelhantes.

A excursão ocorrerá quando ficar evidente a necessidade de promover a troca de experiência com outros grupos de agricultores familiares, gestores e atores sociais que tenham afinidades com o tema, bem como para estimular a discussão no grupo a partir da visualização e conhecimento de um fato novo.

### **Processo de organização e execução**

Planejar de forma coletiva, com antecedência, a fim de atingir os objetivos previstos; orientar claramente o que deve ser observado durante a excursão e a posterior utilidade; selecionar o local a ser visitado (que pode ser uma propriedade rural, um campo experimental, uma agroindústria etc.), de acordo com o perfil e interesse do visitante; verificar as vias de acesso aos locais de interesse e a existência de oportunidades educativas; acompanhamento e avaliação conjunta.

Ao iniciar a excursão, deverá ser distribuído material de identificação (crachá) aos excursionistas; apresentar ao grupo o croqui (mapa), com orientações para o deslocamento até a propriedade e dos espaços a serem visitados; fazer a entrega do material informativo aos agricultores, contendo um resumo das práticas e resultados que deverão ser observados no local; apresentar o proprietário do local ao grupo de visitantes; conduzir os excursionistas para as várias etapas previstas no roteiro da excursão, que se constituem dos vários locais e/ou técnicas a serem vistas na propriedade visitada; estimular o grupo a fazer perguntas, trocar idéias e esclarecer as dúvidas.

É importante que no contato prévio com o proprietário ou administrador do local, sejam pontuadas, caso existam, as regras internas de postura e comportamento para visitantes, no intuito de que o técnico as repasse aos participantes no início da excursão, evitando, assim, possíveis imprevistos ou constrangimentos.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Deve ser realizada no período de 01 a 03 dias. A quantidade de participantes é relativa, dependendo de vários fatores. Porém, a excursão não deve ser programada com um número substancial de participantes, pois poderá prejudicar os objetivos e a finalidade da excursão.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Caminhada, Palestra, Dinâmica de Grupo, Demonstração Técnica e outras.

#### **6.1.8. Feira**

Método de socialização que facilita relações de troca, exposições, negociações e demonstrações de produtos e serviços, podendo ocorrer de formas: eventual, periódica ou permanente; considerando, também, o calendário agrícola e o período de maior ocorrência de determinado produto.



Desenho 9 – Representação de cenário de aplicação do método FEIRA  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Possibilitar visibilidade, oportunidade de negociação e comercialização dos produtos e serviços produzidos pelas famílias rurais.

É feita por meio de exposição, demonstração ou divulgar dos produtos e serviços das comunidades rurais, de acordo com a produtividade.

### **Processo de organização e execução**

O processo de planejamento deste método compreende: comissão organizadora, regimento, autorização, divulgação, alocação de espaço, infraestrutura, limpeza, transporte e logística.

No momento da execução, é necessário o credenciamento das pessoas que irão trabalhar na feira; organizar o espaço para escoamento dos produtos e materiais; organizar e dividir o espaço para acomodar os produtores rurais; dividir o espaço da feira por categoria de produtos e serviços a serem mostrados, conforme o número de pessoas participantes; certificar a qualidade dos produtos e serviços que serão disponibilizados ao público; manter local limpo e organizado; monitorar o fluxo de venda e consumo, bem como a satisfação do consumidor e realizar avaliação contínua.

### **Tempo sugerido e número de participantes**

Sugere-se o período de 01 a 05 dias de funcionamento, dependendo do objetivo e da abrangência da “feira”. O número de participantes será definido conforme o espaço disponível, o tema e a finalidade dela.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Semana Especial, Reunião, Visita, Cursos, Oficinas, Painéis e outras.

### **6.1.9. Festival**

Método de caráter comemorativo e festivo. Tem por finalidade dar visibilidade às questões culturais, tecnológicas, sociais, econômicas, ambientais, étnicas de uma determinada sociedade, comunidade ou grupo social.



Desenho 10 – Representação de cenário de aplicação do método FESTIVAL  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Divulgar, promover, valorizar, socializar informações, conhecimentos e práticas culturais. Realizado por ocasião das datas festivas, comemorativas e do calendário sazonal das culturas produzidas na região ou quando houver necessidade de oferecer espaço público às comunidades rurais de modo que, além de comercialização direta, sirva, também, de vitrine para os produtos, atividades e culturas da zona rural.

### **Processo de organização e execução**

O processo de organização deste método constitui: diagnosticar, compor comissões, programar, divulgar, realizar, acompanhar e avaliar.

O planejamento inicia-se por meio de formação da comissão de coordenação que, em conjunto com os representantes das comunidades locais, irá planejar o festival; definir local e duração do evento; divulgá-lo com antecedência mínima de 1 mês; realizar as atividades programadas e promover a avaliação no local, envolvendo todos os participantes.



### **Tempo e número de participantes sugerido**

De 1 a 7 dias. Por ser de livre participação do público, se bem planejado e divulgado, é de grande amplitude.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Reuniões, Oficinas, Palestras, exposições e cursos.

#### **6.1.10 Intercâmbio**

Método que enfatiza a troca de experiências, conhecimentos e técnicas, de forma participativa e coletiva, sendo o assunto temático de interesse das partes envolvidas.



Desenho 11 – Representação de cenário de aplicação do método INTERCÂMBIO  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Aperfeiçoar, socializar conhecimentos e experiências. Aplica-se o método quando diagnosticado o interesse comum entre grupos.

### **Processo de organização e execução**

No processo de execução, a comissão organizadora do intercâmbio deve orientar sobre os assuntos que interessam ao grupo e que deverão ser

abordados; selecionar as propriedades; levantar custos e material necessário; acompanhar e avaliar com todos os envolvidos; informar sobre deslocamento, refeições e outras questões pertinentes; estimular o grupo a fazer perguntas, trocar ideias e esclarecer todas as dúvidas.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

De acordo com a natureza do intercâmbio, realiza-se entre 1 e 3 dias. Devido o deslocamento e cumprimento da programação, o número de participantes sugerido é de 30 a 40, levando em consideração a necessidade de permitir o diálogo e participação fluente.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Contato, Visita, Reunião e Palestras.

#### **6.1.11. Oficina**

Método de ATER desenvolvido com grupos de pessoas. Aborda assunto de interesse comum para construção de um produto final, cujas expectativas do grupo devem ser evidenciadas, portanto, terá as características inerentes ao grupo envolvido. É orientado a partir de discussão de problemas e potencialidades. A oficina é caracterizada pela formação de um espaço coletivo.



Desenho 12 – Representação de cenário com aplicação do método de OFICINA  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Possibilitar a construção intelectual, tais como: conceitos, planos, instrumentos, material informativo como cartilhas, formulários, ou produção de material, por exemplo, produtos resultantes das habilidades manuais, maquinários etc., de forma coletiva e participativa. Utilizada nos momentos em que tenha a necessidade de articular teoria e prática, considerando a natureza educativa da extensão rural.

### **Processo de organização e execução**

No processo de organização da oficina, deve-se definir tema de interesse a partir da necessidade diagnosticada. Sua execução perpassa: programação (materiais e métodos facilitadores), infraestrutura (espaço físico, deslocamento, hospedagem e alimentação dos participantes), divulgação, acompanhamento e avaliação.

Ao iniciar este método, deve-se fazer: auto-apresentação dos participantes, definição do acordo de convivência coletiva, apresentação da programação, exposição do conteúdo, formação de grupos de trabalho para construção do produto final, socialização do produto final e avaliação.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

A oficina pode ser realizada de 01 a 07 dias. O número de participantes dependerá, principalmente, da metodologia adotada e da complexidade do tema tratado, podendo variar de 15 a 40 pessoas.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Dinâmicas de Grupo, Palestra, FOFA, Diagrama de Venn, Mapa Falado e outras.

### **6.1.12. Semana Especial**

Método comemorativo, festivo e técnico, composto por um conjunto de atividades pedagógicas, teóricas e práticas, visando à motivação, aprendizagem, reflexão, construção, troca do conhecimento e ao

desenvolvimento de habilidades no período de uma semana. Possibilita abordagem simultânea dos aspectos teóricos e práticos, envolvendo um determinado tema que requer tanto a orientação técnica quanto a demonstração prática.

É realizado simultaneamente na sede do município e nas comunidades rurais, em que as práticas e/ou tecnologias divulgadas sejam utilizadas nas condições locais.

### **Objetivo e Aplicabilidade**

Divulgar, promover, valorizar, socializar informações, conhecimentos e práticas culturais. Promover a troca de experiência com outros grupos de agricultores familiares, gestores e atores sociais que tenham afinidades com o tema, no sentido de estimular a discussão no grupo a partir da visualização e conhecimento de um fato novo.

Realizado por ocasião das datas festivas, comemorativas e do calendário sazonal das culturas produzidas na região, promovendo debate sobre aspectos relevantes, apresentando informações, buscando soluções ou alternativas referentes ao tema e fomentando o desenvolvimento de hábitos saudáveis, como: leitura, dança, questões ligadas à saúde, à produção de orgânicos etc.

### **Processo de organização e execução**

O método Semana Especial acontece a partir de um diagnóstico prévio da comunidade que aponte o tema central para aplicação do método. Após a obtenção desse diagnóstico, convocar-se-á uma reunião com todos os possíveis parceiros.

Ainda no planejamento, determina-se o período, combinam-se métodos, técnicas e ferramentas necessárias ao atendimento dos objetivos, elabora-se projeto que demonstre o detalhamento dos itens necessários à realização do evento, incluindo a responsabilidade de cada parceiro ou instituição envolvida.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

O método tem duração de 5 a 7 dias, dirigido a um grande público no campo e da cidade, atendidos nos diversos momentos pelo método mais adequado.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas a serem utilizadas no processo**

Palestra, Seminário, Dinâmicas de Grupo, Demonstração Técnica, Reunião, Demonstração Técnica, Cursos, Oficinas, Painéis, Exposições, Mesa Redonda, entre outras.

#### **6.1.13. Seminário**

Método de socialização e aperfeiçoamento de saberes, planejado com exposição oral, coordenado por pessoas com conhecimento sobre o assunto, desenvolvido por meio de apresentações, de sessões de estudos e uso de técnicas auxiliares específicas.



Desenho 13 – Representação de cenário de aplicação do método SEMINÁRIO.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Identificar problemas, explorar e discutir aspectos relevantes, apresentar informações, buscar soluções ou alternativas relativas ao tema em debate.

Sensibilizar os participantes para o espírito científico, para o trabalho em grupo e para a reflexão dos processos que envolvem o tema comum, aprofundando o conhecimento.

### **Processo de organização e execução**

Identificação do problema ou assunto a ser aprofundado, compor equipes ou comissões para elaboração de agenda e cronograma de execução, definir o objetivo do debate acerca do problema ou do assunto, definir o tema central do seminário, organizar a programação e a estrutura do evento, selecionar os expositores e convidados que farão a exposição dos assuntos, organizar o espaço para realização do seminário, de acordo com a expectativa de número de participantes, organizar os recursos materiais necessários, programar momentos para o debate e esclarecimentos de questões e/ou assuntos que estão sendo apresentados.

**O evento deve ser dividido em três momentos distintos, conforme descritos a seguir:**

- 1) Sessões Plenárias: é o momento que os expositores fornecem informações a fim de possibilitar a reflexão e discussão pelos participantes;
- 2) Trabalho de Grupo: neste momento, procede-se a leitura e discussão do texto-roteiro para debates em pequenos grupos, geralmente são formados grupos de trabalho para ampliar as discussões e/ou construções de propostas, referentes às temáticas em discussão, nas quais cada grupo deverá ter um coordenador para moderar as discussões e um secretário para anotar as conclusões particulares sugeridas pelo grupo. Os grupos de trabalho deverão ser orientados para a socialização das construções após o debate;

3) Plenária Final: nesta fase, serão apresentadas as conclusões dos grupos de trabalho e validação das propostas, valendo-se para isso das mais variadas técnicas, como: exposição oral, METAPLAN, mídia eletrônica, cartazes, filmes e outros.

#### **Tempo e número de participantes sugeridos**

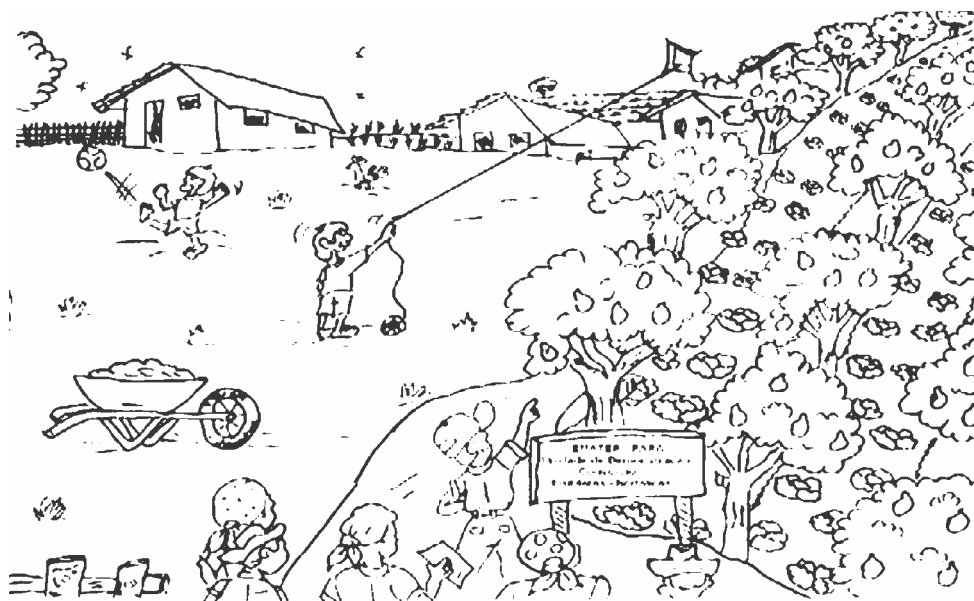
De 01 a 03 dias, dependendo do objetivo que se pretende com o seminário. Como método massivo de amplo alcance e considerando a relação custo/benefício, deverá ter no mínimo a presença de 50 participantes.

#### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Palestras, exposição, mesa redonda, painéis, trabalhos de grupo, dinâmicas, entre outras.

#### **6.1.14. Unidade Demonstrativa (UD)**

Método para demonstração e experimentação de resultado científico validado em outro lugar ou na própria região. A UD pode ser instalada numa propriedade rural de um agricultor ou de um grupo de agricultores que utilizará o mesmo processo de produção já testado, entretanto, deverão ser consideradas as peculiaridades socioambientais e econômicas de cada unidade produtiva nas quais serão instaladas as UD's. A propriedade passa a ser caracterizada como unidade de referência para aquelas práticas ou sistema produtivo, servindo como fonte estimuladora para aprendizagens diferenciadas e adoção das práticas ou do sistema pelos demais agricultores familiares.



Desenho 14 – Representação de cenário com aplicação do método de Unidade Demonstrativa (UD)

### **Objetivo e aplicabilidade**

Apresentar um exemplo vivo mediante a demonstração e experimentação de métodos, técnicas ou práticas de comprovada eficiência e eficácia na geração de resultados positivos em gestão de produção.

É utilizado para minimizar a elevada resistência do agricultor em adotar técnicas, práticas e ou processos que tenham gerado resultados positivos e significativos, comparativamente com as práticas em uso na região objeto de instalação.

### **Processo de organização e execução**

No atual processo de organização de UD, o planejamento participativo passa a ser parte integrante deste processo. Na elaboração do projeto é necessário considerar: tema, objetivo, localidade, tamanho da área, descrição de metodologia e métodos, registro fotográfico, preenchimento de fichas de compilação de dados, elaboração de relatórios sistemáticos e contínuos e avaliação permanente.

A comunidade deve escolher a propriedade a ser implantada, lembrando que o perfil do agricultor, proprietário da área a ser instalada a UD,



deve contemplar as seguintes características: ser representativo do grupo comunitário, ser pessoa idônea, observadora, determinada, organizada, comprometida e inovadora, com predisposição para receber visitas frequentes.

A sistematização dos resultados é fundamental como instrumento de comprovação e validação da pesquisa, devendo ser publicado e divulgado.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Dependerá do tipo de cultura e atividades em experimentação, porém não se recomenda duração inferior a um ano. Quanto ao número de envolvidos, deve ser amplo, mas será implantada em apenas uma área individual ou da comunidade.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Dia de Campo, DM, Excursão, Visita, Reunião, Entrevista e outras.

#### **6.1.16. Unidade de Experimentação (UE)**

Espaço destinado ao compartilhamento das ações dos extensionistas e agricultores familiares para a construção e/ou reconstrução de conhecimento científico que fundamentem o processo e/ou prática produtiva e social. É um método experimental, não há, portanto, ainda registro de comprovação científica.



Desenho 15 – Representação de cenário com aplicação do método de Unidade de Experimentação (UE)

### **Objetivo e aplicabilidade**

Experimentar processos tecnológicos e práticas sustentáveis de natureza econômica, social e ambiental, com avaliação dos resultados alcançados, comparativamente com as tecnologias em uso.

Utilizada quando há a necessidade da apresentação de processos diferenciados para enfrentamento de uma situação relevante da família ou da comunidade, de natureza diversificada, relacionada às perspectivas futuras da própria comunidade.

### **Processo de organização e execução**

Delimitação do problema de forma conjunta, extensionista e agricultores e/ou comunidade, negociação sobre as tecnologias e/ou práticas, considerando a relevância do problema, viabilidade da experimentação, interesse e comprometimento do grupo, potencialidades locais, capacidade econômica, valores socioculturais e tradições.

Elaborar o Plano de Ação – Projeto de Pesquisa Participativa; implantar a unidade de execução da pesquisa conforme o projeto, entendendo que pode ser de natureza física (espaço experimental de tecnologias) ou processual (debates e construção de aprendizagens diversificadas); realizar o acompanhamento e controle, procedendo as avaliações dos resultados; elaborar e apresentar relatórios; divulgar os resultados e publicá-los.

A Unidade de Experimentação deve ser realizada, preferencialmente, em espaços comunitários, propriedade de um dos participantes ou, ainda, em espaços do poder público pré-estabelecidos que serão referências das experiências construídas.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Varia de 01 a 02 anos, considerando a natureza da experimentação, com abrangência coletiva.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Intercâmbio, Reunião, Visita, Excursão e as demais.

### **6.1.16. Unidade de Observação (UO)**

Método de observação e aplicação de resultados de pesquisa ou de práticas exitosas, devidamente experimentadas em outras regiões (validação de resultado). A UO deve ser implantada em uma comunidade ou região que ainda não pratique aquela atividade, pois, a característica fundamental é que os agricultores sejam envolvidos por meio da observação na construção de aprendizagens e na adaptação de práticas a partir das tecnologias, técnicas, práticas, ferramentas e respectivos resultados ao longo do desenvolvimento da UO. Do ponto de vista da área de instalação, a UO poderá ser estruturada numa unidade familiar ou em área comum da comunidade, entretanto o acompanhamento deverá ser compartilhado com os agricultores locais, para vivenciar os processos e procedimentos técnicos utilizados e a comparação com as práticas usuais locais.

#### **Objetivo e aplicabilidade**

Comprovar resultados de experimentações exitosas e realizadas em condições socioambientais diferentes que, comparativamente, se mostram vantajosos em relação à prática local utilizada. Podem ainda ser empregados para comprovar, ou não, fenômenos sociais identificados em estudos e diagnósticos participativos de comunidades rurais.

Este método será aplicado quando for necessário observar e validar os processos e técnicas socioeconômicas e ambientais de caráter agrícolas, não agrícolas ou sociais, desenvolvidos com sucesso em outros locais.

#### **Processo de organização e execução**

Diagnosticar a comunidade ou a propriedade; fazer o levantamento de experiências bem sucedidas em outras regiões; socializar e discutir a possibilidade de aplicação na comunidade; selecionar os interessados na atividade; elaborar o projeto e demarcar a área da Unidade de Observação ou da abrangência do estudo, com elaboração de cronograma de atividades a ser executado pelos técnicos e famílias de agricultores; explicitar as técnicas e/ou práticas para experimentação; fazer a instalação da UO e revisar as técnicas

e/ou práticas a serem introduzidas de acordo com as situações em que se utiliza a UO.

O processo de execução da UO deve ser acompanhado de forma constante e sistemática, pois os resultados devem ser publicados na forma de notas técnicas, relatórios de pesquisa, artigos e outros instrumentos de credibilidade que possam se tornar referência na geração de conhecimento, subsidiando o caráter científico da pesquisa.

#### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Tempo mínimo para a realização do método é de 1 ano e precisará de uma família executora e de pessoas interessadas nas tecnologias e/ou nas práticas introduzidas.

#### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Visita, Reunião, Palestras, DM e as demais.

## 6.2. TÉCNICAS DE ATER E PESQUISA

Conjunto de procedimentos para apoio ao desenvolvimento dos processos de ATER e pesquisa, consideradas como meio para operacionalização dos métodos ou recursos de natureza técnica. Tem finalidade de auxiliar os extensionistas na condução das atividades previstas, facilitando a interação com a abordagem metodológica, a participação dos envolvidos e o alcance dos objetivos estabelecidos.

### 6.2.1. Demonstração Técnica (DT)

Procedimento didático utilizado para estimular o envolvimento dos participantes e facilitar o desenvolvimento de habilidades, por meio da demonstração prática e repetição de determinada técnica na presença de todos os sujeitos, facilitando, assim, a difusão do conhecimento de forma dialogada.



Desenho 16 – Representação de cenário com aplicação da técnica de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) – Demonstração Técnica (DT)  
Fonte: EMATER-PARÁ

#### **Objetivo e aplicabilidade**

Desenvolver habilidades por meio da observação e da repetição das ações, considerando o erro como uma prática construtiva.

### **Processo de organização e execução**

Esta técnica divide-se em três fases: **Planejamento Participativo** (tema e viabilidade, público, local, hora, demonstrador, materiais e métodos, roteiro sequencial e custos); **Realização** (revisão de objetivos, identificação de material e demonstração propriamente dita, conforme roteiro, repetição pelos participantes) e **Avaliação** (debates e conclusões).

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

O tempo sugerido à realização deste procedimento é de 1 a 4 horas, com a participação de 5 a 20 pessoas, no máximo.

### **Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Em função de sua natureza, recomenda-se o uso de dinâmicas de grupo de integração.

#### **6.2.2. Entrevista**

Técnica de pesquisa oral, planejada, que pode ser estruturada (com uso de roteiro preestabelecido), semi-estruturada (com roteiro de questões que permita a flexibilidade) ou aberta (livre, mas com objetivo a ser considerado).



Desenho 17 – Representação de cenário com aplicação da técnica de ATER - ENTREVISTA  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Levantar dados e informações que possibilitem a ampliação do conhecimento sobre determinada situação ou fatos da comunidade, região, município ou território. Utilizada quando há necessidade de obtenção de dados para auxiliar a construção de diagnóstico e planejamentos participativos.

### **Processo de organização e execução**

Planejamento da atividade: definição da natureza da entrevista conforme finalidade, escolha do entrevistado ou grupo de pessoas que fornecerão informações, identificação dos dados a serem levantados, elaboração do roteiro ou questionário, definição do local, horário e data para realização da entrevista.

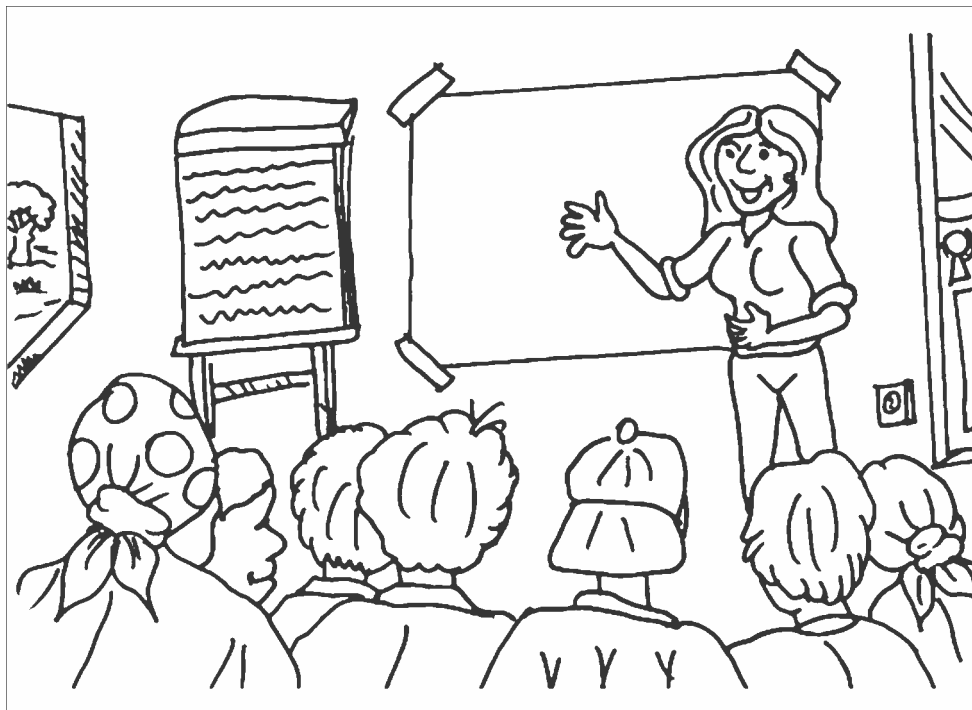
Com relação à execução, o extensionista deve atentar para algumas questões que facilitam o uso da técnica, como explicar ao entrevistado o objetivo e a relevância do levantamento de dados para orientar o trabalho de ATER, estabelecer relação de confiança mútua, evitando perguntas tendenciosas; não supor o que será respondido pelo entrevistado e, sobretudo, desenvolver habilidade de fazer perguntas e ouvir, durante o processo da entrevista, valorizando o que as pessoas têm para informar.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

Aplicar a técnica no tempo de 1 a 2 horas, no máximo; a entrevista, porém, poderá ser individual ou coletiva, desde que representativa do universo no qual está inserida. Em função da particularidade da técnica, não é necessária a utilização de outras técnicas ou ferramentas de apoio.

### **6.2.3. Palestra**

Técnica de exposição oral sobre assunto previamente selecionado e destinado a público específico. Considerando o objetivo pretendido, o palestrante deverá ser especialista no assunto a ser abordado.



Desenho 18 – Representação de cenário de aplicação da técnica de ATER - PALESTRA.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Informar e esclarecer as pessoas sobre determinado assunto ou tema de interesse comum. Utilizada quando há necessidade de interagir com número significativo de pessoas para abordar assuntos específicos.

### **Processo de organização e execução**

A escolha do tema deve ocorrer de forma participativa entre os interessados, assim como a indicação dos palestrantes. Antes de iniciar, checar o funcionamento dos instrumentos de apoio, no caso de uso de multimídias. Informar sobre o tempo disponível para o palestrante e plenária, solicitando o apoio para registro e controle do tempo.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

O tempo de uma Palestra pode durar até 4 horas, desde que seja interativa e com a utilização de dinâmicas de grupos. É realizada para um



público a partir de 20 pessoas.

**Sugestões de técnicas e ferramentas utilizadas durante o processo**

Dinâmicas e uso de ferramentas multimídia.

### 6.3. FERRAMENTAS DE ATER E PESQUISA

É o conjunto de instrumentos utilizados na prática de ATER e pesquisa que apóiam a geração de informação sobre a realidade das comunidades rurais, auxiliando no alcance dos objetivos da extensão rural. As ferramentas de ATER constituem-se em recursos de caráter didático que dão suporte à aplicação das metodologias afins, com a finalidade de facilitar a comunicação, a exposição individual, ou em grupo, de ideias, a reflexão sobre aspectos da realidade dos envolvidos, entre outras.

Servem principalmente para dar sustentação à abordagem participativa, que deve permear a comunicação entre a extensão rural e as famílias e/ou grupo de agricultores familiares. O uso das ferramentas participativas de ATER estimula o respeito mútuo entre sujeitos, sendo assegurado o espaço do falar, do ouvir, de forma igualitária, não existindo a hierarquia de poder. Parte-se do pressuposto que, apesar de todo o instrumental metodológico participativo de ATER, a extensão rural não cumprirá sua função educativa se o discurso extensionista for contrário a sua prática de comunicação no campo.

#### 6.3.1 Brainstorming ou Tempestade de Ideias

Ferramenta bastante utilizada com grupo de pessoas para associação e interpretação de ideias, facilitando a expressão oral ou escrita dos envolvidos no processo.

##### **Objetivo e aplicabilidade**

Estimular a participação coletiva no processo de construção de ideias sobre questões comuns ao grupo, de maneira reflexiva.

Utilizada em circunstâncias que exijam ampliar o esclarecimento grupal e organizar a interpretação, individual e coletiva, sobre determinada questão da realidade.

##### **Processo de Organização e execução**

O agente monitora o fluxo de ideias de forma livre e criativa,

assegurando a participação de todos. O objetivo deve estar claro e orientado por uma pergunta-chave, a qual fica exposta para que todos reflitam sobre ela e coloquem suas sugestões em tarjetas ou em local e estrutura adaptada, de forma objetiva, por meio de palavras-chave ou frases curtas.

### **Perguntas orientadoras**

Deve ser escrita uma pergunta-chave em função do tema que se deseja abordar, que leve o grupo à reflexão.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

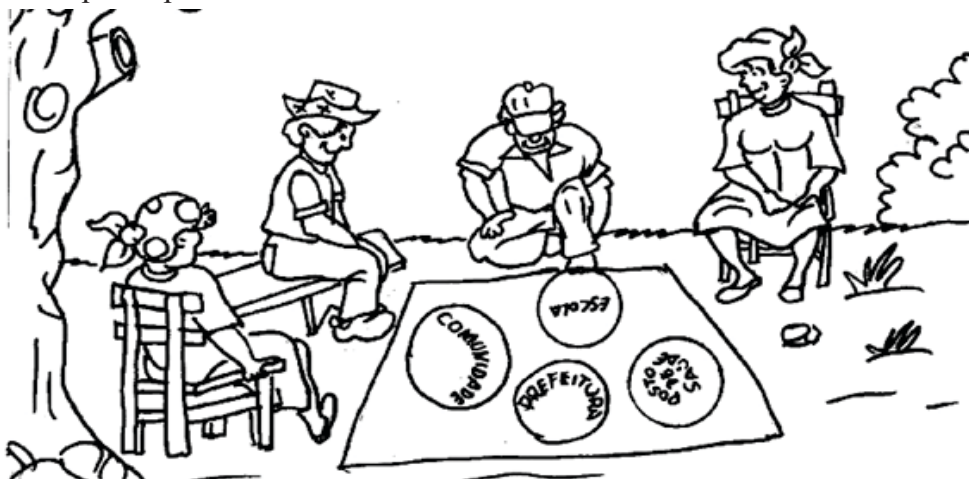
1 hora (30 minutos para a reflexão e produção de ideias, sem consideração de seu mérito, e o restante para organizá-las por grupos, debater sobre elas, ressaltando as notas que o grupo achar conveniente). Deve ser escrita uma ideia por ficha.

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, flipchart, tarjetas e pincéis atômicos.

#### **6.3.2. Diagrama de Venn**

Ferramenta de interpretação e análise das inter-relações sociais, de forma participativa e reflexiva.



Desenho 19 – Representação de cenário de aplicação da ferramenta de ATER – DIAGRAMA DE VENN.

Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Identificar, por meio da representação simbólica, o grau de relacionamento (importância e proximidade) entre os sujeitos e as instituições, bem como entre os sujeitos e outras organizações externas.

Usada quando necessário debater sobre o papel das instituições e organizações sociais no processo de desenvolvimento local.

### **Processo de organização e execução**

Deve-se propor a construção do diagrama, explicando os objetivos e procedimentos, garantindo a participação de todos. Discutir com o grupo o papel de cada instituição e sua forma de atuação na comunidade. Solicitar para que o grupo escreva nos círculos de papel ou desenho, em forma geométrica, o nome de cada instituição, lembrando que o tamanho do círculo representa o grau de importância dentro da comunidade. Colocar a forma geométrica relativa à organização no centro e distribuir ao redor da mesma as demais figuras, de acordo com seu grau de proximidade, de forma que as que ficam mais perto da organização são as que têm um melhor nível de relacionamento. Pode-se ainda trabalhar com setas para identificar o sentido.

### **Perguntas orientadoras:**

Quais as instituições que têm atuação direta com a organização?

Quais as que têm atuação indireta?

Quais as que são mais importantes para a sua organização?

Quais as de menos importância?

Quais as que estão mais próximas e mantêm mais contato?

Quais as que estão menos próximas e mantêm menos contato?

Tempo e número de participantes sugerido

1 hora dividida entre a montagem, reflexão e análise.

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, flipchart, tesoura e pincéis atômicos.

### **6.3.3. Fofa**

Ferramenta que auxilia nos processos de discussão, análise e sistematização grupais, relativa à organização social da comunidade.

#### **Objetivo e aplicabilidade**

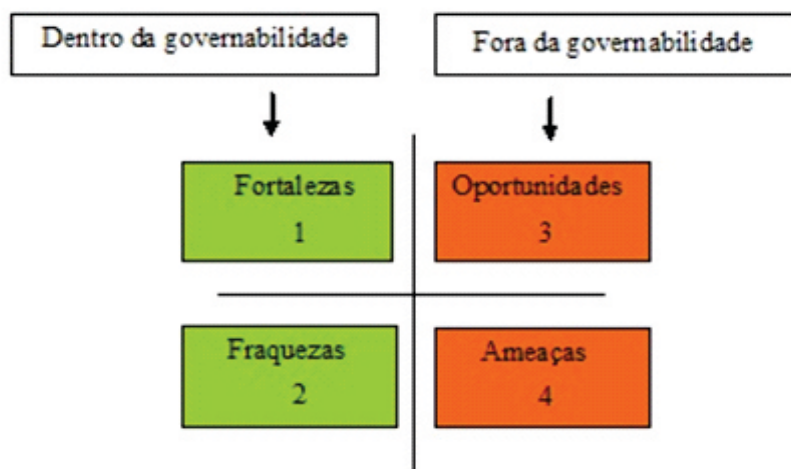
Identificar, analisar e demonstrar visualmente as ideias do coletivo sobre questões comuns à organização social da comunidade, utilizando matriz padrão para representar as construções grupais.

Utilizada para priorizar temas identificados em distintos campos de ação: o da “governabilidade” e de “fora da governabilidade” da organização. A sigla significa: (F) Fortalezas, (O) Oportunidades, (F) Fraquezas e (A) Ameaças.

#### **Processo de organização e execução**

É solicitado ao grupo que identifique pontos importantes e coloque-os dentro do quadrante, de acordo com as considerações de possibilidade reais de interferência.

Durante a execução, os participantes manifestam suas ideias quanto às situações externas favoráveis, respondem à questão, descrevendo quais as oportunidades existentes. Focalizando o ambiente externo, os participantes analisam a atual conjuntura, identificando as principais situações desfavoráveis para a organização e que, se não forem eliminadas, minimizadas ou evitadas, podem se tornar ameaças e, portanto, afetá-la negativamente. Os participantes identificam os principais aspectos internos que a organização possui, que consideram pontos fortes, devendo, portanto, mantê-los para garantir sua sobrevivência. Os participantes identificam os principais problemas internos existentes, considerados como aspectos negativos ou forças restritivas, que devem ser minimizados para evitar influência negativa sobre seu desempenho. Cabe ressaltar que a FOFA mostra a situação atual. Em outro determinado momento, o que hoje é uma ameaça poderá ser uma oportunidade e vice versa.



Desenho 20 – Matriz representativa da FOFA

Fonte: EMATER-PARÁ

#### **Perguntas orientadoras:**

Quais pontos são considerados positivos ou fortes na organização ou que têm interferência direta?

Quais pontos são considerados negativos ou fracos na organização ou que têm interferência direta?

Quais são considerados importantes e positivos, mas não estão sobre o controle da sua organização?

Quais são considerados irrelevantes e negativos, mas não estão sobre o controle da sua organização?

#### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos para levantamento e análise.

#### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, tarjetas, flipchart, lápis e pincéis atômicos.

#### **6.3.4 Iceberg**

Ferramenta para interpretação, discussão e análise coletiva sobre contextos expostos e os não expostos de determinada organização social.



Desenho 21 – Representação de cenário de aplicação da ferramenta de ATER – ICEBERG.  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Elaborar diagnóstico a partir dos aspectos concretos, observáveis diretamente, como: objetivos, tamanho, organograma, recursos financeiros, produtos, atribuições, entre outros, e os aspectos abstratos que coexistem na organização, como: as relações de poder, as influências, as interações, as normas do grupo, a confiança, o compromisso e os demais.

Utilizada quando precisamos analisar os aspectos visíveis e os que estão ocultos que influenciam e determinam o processo de funcionamento da organização.

### **Processo de organização e execução**

Inicialmente, o agente esclarece que o desenho do iceberg tem parte que é reconhecida de imediato e outra oculta, bem maior, que precisa ser percebida e identificada. Da mesma forma, isto ocorre nas organizações sociais. O agente pode trabalhar com o grupo total de participantes ou dividir de forma aleatória ou estratégica, em grupos menores, com repetição.

### **Perguntas orientadoras:**

Quais os aspectos que são visíveis?

Quais os invisíveis?

Qual a importância de cada aspecto apontado para a organização e para o processo de mudança?

Qual a influência de cada aspecto?

Quais os aspectos que são facilmente mudados e os que são difíceis?

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

60 minutos.

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Folhas de cartolina ou kraft e pincéis.

#### 6.3.5. Linha da Vida

Ferramenta de demonstração visual e representação simbólica, construída no coletivo. Consiste no apanhado histórico sobre os acontecimentos e fatos de relevância para os moradores, baseado no relato das pessoas mais antigas da organização.



Desenho 22 – Representação de cenário de aplicação da ferramenta de ATER – LINHA DA VIDA

Fonte: EMATER-PARÁ



### **Objetivo e aplicabilidade**

Possibilita a reflexão sobre a comunidade a partir da representação simbólica dos fatos, transformações e mudanças significativas que influenciaram o processo de desenvolvimento local.

Esta ferramenta é de fácil aplicação e apropriação. É utilizada para proporcionar a visão simbólica sobre a história da organização.

### **Processo de organização e execução**

O agente solicita que os membros desenhem uma linha com a data inicial das atividades da organização e, a partir daí, pontuem os fatos importantes na vida da organização a partir de uma data de referência, definida pelos participantes. Consiste num apanhado histórico baseado na vivência contada pelas pessoas mais antigas da organização, acontecimentos e fatos de relevância para os moradores. É importante buscar a representatividade da comunidade.

### **Perguntas orientadoras:**

Quais os acontecimentos mais importantes na vida da organização até a presente data?

Quem, quando e como foi fundada?

Quais as mudanças e impactos mais importantes?

Como aconteceram essas mudanças?

Quais os pontos positivos e negativos?

Após análise sobre o que conseguiram perceber de novo, é feita avaliação sobre a situação atual a partir dos pontos fracos e fortes.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos (preparação e análise).

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, pincéis, revistas, jornais, fotos etc.

### 6.3.6. Mapa Falado

Ferramenta para facilitar a interação e produção coletiva, representando, simbolicamente, as experiências comunitárias dos participantes.



Desenho 23 — Representação de cenário com aplicação da ferramenta de ATER— MAPA FALADO

Fonte: EMATER-PARÁ

#### **Objetivo e aplicabilidade**

Dar oportunidade à reflexão coletiva sobre a comunidade por meio da representação simbólica dos elementos que a compõe.

Demonstrar, por intermédio de formas estruturas, desenhos, traços e cores, conforme os mapas geográficos, os problemas, as interações de relacionamento, os fatos marcantes, entre outros, representando a dinâmica da vivência comunitária.

#### **Processo de Organização**

É solicitado aos participantes que coloquem no centro da folha a idéia principal, via analogia visual. Nas margens, as menos importantes. Faça círculos ao redor dos conceitos. Podem ser utilizados, para definir relações, setas e traços. Devem ser usadas cores diferentes para destacar alguns pontos.

### **Perguntas orientadoras:**

Qual o patrimônio da organização?

Quantos membros possuem?

Quais os parceiros?

Quais os principais problemas?

Quais os pontos fortes da organização?

Quais os pontos fracos?

Com a identificação das fortalezas e fraquezas, define-se a maneira de intervir na organização.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos (preparação e análise).

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, pincéis de diferentes cores.

#### **6.3.7. Metáfora**

Ferramenta para facilitar a reflexão e interpretação coletiva, dos sentidos e significados, iniciando-se por figuras e/ou imagens previamente selecionadas.



Desenho 24 – Representação de cenário de aplicação da ferramenta de ATER – METÁFORA  
Fonte: EMATER-PARÁ

### **Objetivo e aplicabilidade**

Mostrar, por meio da simbologia, como as pessoas percebem a associação ou a comunidade as quais pertencem, fazendo relação com uma figura/imagem que possa expressar o sentido desta percepção.

Discutir e refletir, quando necessário, sobre mudanças possíveis e necessárias ao fortalecimento da organização.

### **Processo de organização e execução**

Formação de grupos para trabalhar a composição da metáfora por setores da organização. O grupo escolhe uma imagem, compara a associação e explica o significado da relação.

Utilizar perguntas orientadoras para estimular a reflexão, a construção e a exposição dos grupos, como:

Se sua organização fosse um animal/cultura, que animal/cultura seria?

O que essa metáfora (animal ou cultivo) tem de forte ou de fraco?

O que é bom e ruim nessa metáfora (animal, cultivo)

Qual o estado atual da metáfora?

Como está o ambiente fora?

O que faz esse animal/cultivo?

Querem acrescentar algum desenho à imagem?

Podem ser feitas outras perguntas, sempre fazendo a correlação e se referindo ao desenho, por exemplo, quem cuida ou determina o que o animal vai fazer. Para finalizar, é importante analisar conjuntamente o desenho e fazer a reflexão sobre o que a metáfora está demonstrando e o que precisa ser mudado.

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos (para construção do desenho/aplicação do questionário e análise/reflexão)

## Recursos que podem ser usados durante o processo

Folhas de cartolina ou papel kraft e pincéis.

### 6.3.8. Paisagem Organizacional

Ferramenta utilizada para auxiliar o mapeamento das estruturas que compõem as organizações sociais da comunidade, identificando a inter-relação dos seus condicionantes.



Desenho 25 – Representação de cenário com aplicação da ferramenta de ATER – PAISAGEM ORGANIZACIONAL  
Fonte: EMATER-PARÁ

### Objetivo e aplicabilidade

Estimular a percepção da dinâmica dos processos sociais e dos condicionantes que interferem na evolução das organizações comunitárias, possibilitando aos participantes a análise coletiva dos aspectos relevantes, limitações, problemas, recursos, pontos positivos e negativos presentes nestes processos.

Esta ferramenta é utilizada para obter informação sobre o passado e o presente da organização, com relação a suas deficiências ou as suas faltas, e o futuro dela, concernente às expectativas de melhorias, abrangendo três campos de atuação: familiar ou comunitária (onde estão situados os organismos), tais como: igreja, lazer, organizações afins etc.; políticas públicas (todos os segmentos: municipais, estaduais e federais) e o setor privado que atende a

comunidade (empresas de transporte, supermercados, etc.).

### **Processo de organização e execução**

Orientar os participantes que serão feitos três triângulos, representando: o presente, passado e futuro das organizações, que serão utilizados para registro e comparação. Utilizar tarjetas para que os participantes descrevam as instituições com as quais a comunidade mantém contato e posicione-as dentro do triângulo que simboliza a situação presente e, após reflexão, analisar a situação anterior destas organizações e as perspectivas de futuro para elas. Ao analisar o futuro, identificam-se os problemas e entraves. A condição de proximidade aos vértices indicará a situação da organização. Após essa etapa, estimular o grupo a discutir sobre mecanismos a serem adotados na comunidade para alcançar o futuro desejado.

### **Sugestão de perguntas orientadoras:**

Quais organizações mantêm relacionamento significativo com a comunidade?

Quais organizações não estabelecem relações, mas são importantes para a comunidade?

Onde a organização se situa? Triângulo presente

Onde a organização estava situada? Triângulo passado

Onde gostariam que a organização estivesse? Triângulo futuro

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos (preparação e análise)

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Cartolina, papel kraft, pincéis e tarjetas.

### **6.3.9. Pesquisa de Fatos**

Ferramenta de pesquisa social e participativa que auxilia no levantamento de informações pertinentes à comunidade.

### **Objetivo e aplicabilidade**

Obter informações básicas sobre a comunidade no início do trabalho. Serve para conhecer a organização e, também, para verificar o grau de envolvimento e participação dos membros.

### **Processo de organização e execução**

O técnico vai sinalizando e escrevendo em uma folha de cartolina para que todos acompanhem. Em caso de não obtenção de todas as respostas, o técnico deverá buscá-las nos documentos oficiais da organização.

### **Perguntas orientadoras:**

- Quando e como surgiu a organização?
- Quais os objetivos?
- Quais os documentos oficiais da organização?
- Qual a escolaridade dos sócios?
- Qual a infra-estrutura da associação (terreno, bens, veículos)?
- Quantos sócios existem (ativos e inativos)?
- Quais as profissões que estão representadas dentro da organização?
- Quais foram os acontecimentos importantes da organização e o que mudou?
- Quais os aspectos positivos e negativos?
- Quais os impactos?
- Como aconteceu a mudança?
- Quem participou? Quem definiu? Quem não concordou?

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos.

### **Recursos que podem ser usados durante o processo:**

Cartolina, papel kraft e pincéis.

### **6.3.10. Seis Campos**

Esta ferramenta levanta informações no campo dos objetivos, estrutura, relações interpessoais, plano de cargos e benefícios, meios de apoio, gerenciamento, entre outros, a partir de perguntas diretas feitas para pessoas-chave da instituição, levando-se em consideração alguns itens, como: cargos de direção, antiguidade, respeitabilidade, sociabilidade, etc.

#### **Objetivo e aplicabilidade**

É utilizada para diagnosticar a organização a partir de informações sobre a estrutura e rotina dos grupos, principalmente, para, após a análise, propor encaminhamentos, fortalecendo as potencialidades e buscando solucionar entraves e problemas.

#### **Processo de organização e execução**

Escolhem-se pessoas-chave, marcam-se as entrevistas de forma isolada e aplica-se o questionário orientador.

#### **Perguntas orientadoras**

Objetivos:

Quais os três objetivos mais importantes da organização?

A organização tem condições de alcançar esses objetivos?

Quais os principais entraves?

Estrutura organizacional:

Quem faz o que na organização?

O que está faltando para funcionar de forma adequada?

Relações interpessoais:

Como você se relaciona com os colegas?

Como se relaciona com seus superiores hierárquicos?

Como você se relaciona com seus auxiliares?

Quais os principais problemas que interferem na relação de cooperação e trabalho?

Plano de cargos e benefícios:



Como são recompensados os esforços dos funcionários e membros?

Existem sanções na organização?

Quais os benefícios e sanções você acrescentaria ou retiraria?

Estrutura física, financeira e pessoal:

Quais os materiais e estrutura disponíveis?

Quem administra?

O que está faltando?

Gerenciamento?

Como você qualifica o gerenciamento?

Existem lideranças informais?

Os membros estão satisfeitos com a forma de gerenciamento?

### **Tempo e número de participantes sugeridos**

120 minutos.

### **Recursos que podem ser usados durante o processo**

Folha de papel e caneta.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho deu oportunidade a um grupo de profissionais de áreas diversificadas da EMATER-PARÁ vivenciar um processo de plena participação coletiva, por meio da interação democrática, da inter-relação com variadas experiências, de vida e profissional, e a construção da certeza do alcance dos objetivos previstos. Do ponto de vista da integração institucional, este livro representa a somatória do esforço coletivo direcionado ao encontro de um propósito único e comum: construir um referencial metodológico de apoio à organização do trabalho de ATER desenvolvido na Empresa.

Os debates promovidos proporcionaram a troca de experiências entre o grupo, tornando possível observar que a participação coletiva é fator determinante à qualidade de ATER prestada por qualquer instituição, assim como o eixo para consolidação do movimento de transição que caracteriza a extensão rural pública contemporânea.

Um importante ponto a ser ressaltado, neste momento, diz respeito ao entendimento que se deve ter diante de qualquer proposta de transformação e adequação das práticas sociais, isto é, o contexto e as mudanças devem ser compreendidos e (re) pensados sob o ponto de vista do tempo e espaço aos quais se situam e se destinam, respectivamente.

É fato que o modelo de extensão rural, que busca desenvolver o manejo dos recursos naturais na perspectiva agroecológica, não se supre mais por meio de práticas centradas na “difusão e transferência” de conhecimentos para o campo, inerentes aos sujeitos e sua realidade. O esforço, nesta direção, exige práticas diferenciadas e um profissional de extensão consciente das múltiplas responsabilidades presentes no seu papel —político, técnico e social—, no qual as atividades possam considerar, prioritariamente, a justaposição entre a dimensão social e as demandas técnicas advindas do agroecossistema.

Outra questão é o reconhecimento da diversidade de identidades que compõe a realidade do campo e dos indivíduos como autores e sujeitos da própria história, composta por agricultores rurais, extrativistas, pescadores, aquicultores, artesãos e artesãs, quilombolas, indígenas, entre outros,

detentores de saber, que embora na condição de saber comum, popular, devem ser respeitados e considerados nas variadas formas de interação da atividade de extensão rural. Significa dizer que qualquer procedimento metodológico utilizado na prática de campo, deve, antes de tudo, possibilitar a participação dos envolvidos em todo o processo.

É neste cenário que a participação, como fundamento da metodologia de ATER, constitui-se em importante e indispensável ferramenta, para promover o protagonismo destas identidades na apropriação de outros saberes, ou saberes elaborados, possibilitando processos de emancipação e inclusão social.

Diante deste imperativo, a realização da oficina de metodologia de ATER e pesquisa na extensão rural, sob o enfoque participativo, vieram contribuir com o atual contexto, mostrando a relevância da pesquisa, do diálogo, da reflexão, da troca de experiência, como elementos estruturantes da extensão rural que visa o desenvolvimento local.

A pesquisa, processo de investigação-reflexão-ação recentemente incorporado às atribuições da EMATER-PARÁ, é outro aspecto que na oficina pôde ser discutido como um recurso metodológico de caráter participativo, que poderá consolidar o diferencial na atividade de campo, aqui entendida como um processo de observação, experimentação e comprovação — com meios específicos — da relação teoria-prática. A pesquisa, como método de extensão, é recurso indispensável à (re) construção das alternativas para fortalecimento dos sistemas produtivos de base familiar, na perspectiva da viabilidade e sustentabilidade socioambientais.

Nestas reflexões, os métodos, as técnicas e ferramentas, reconhecidas como metodologia de ATER, foram reelaboradas do ponto de vista conceitual, do objetivo e da aplicabilidade, sob a ótica da participação, da concepção sistêmica da unidade de produção familiar. Nesse sentido, vale ressaltar que o instrumento, por si só, não se basta. A função e o fim com que se utiliza o recurso metodológico é que caracteriza a sua essência e orienta o objetivo ao qual se destina, tornando-o um ato político e educativo.

De modo geral, o resultado principal foi a revisão e a contextualização da metodologia adotada na EMATER-PARÁ e o estímulo às discussões e às

reflexões acerca da ação extensionista como agente facilitador de processos, na perspectiva do desenvolvimento sustentável local. De outro modo, significa dizer ainda que, como recurso técnico, o livro está construído, mas não está terminado e nem dissociado da perspectiva histórica e social, inerente ao contexto de contínua transformação e reconstrução que caracteriza a agricultura familiar no Estado do Pará.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. 2001. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.pro.br/Ambito>> Acesso em: 17 out. 2011.

BARROS, Edgard de Vasconcelos. **Princípios de Ciências Sociais para a Extensão Rural**. Viçosa, MG: UFV, 1994.

BIASI, Carlos Antonio Ferraro. **Métodos e meios de comunicação para a extensão rural**. Curitiba, Ascarpa, 1986. v.1.

BRANDAO DOS ANJOS, Maylta; COSTA NETO, Canrobert. Referenciais teórico-metodológicos para a caracterização de assentamentos rurais sustentáveis no Brasil. In: **Mundo Rural e Cultura** [Org.] Roberto José Moreira; Luiz Flávio de Carvalho Costa. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA. Secretária de Agricultura Familiar-SAF. Grupo de Trabalho Ater. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**: Brasília, DF, 2004.

BROSE, Markus. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Participação na extensão rural**: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo, 2001.

CAPORAL, F. R. COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: Enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: EMATER-RS, 2002.

CAPORAL, F. R. COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.

\_\_\_\_\_. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 1, n. 1. 2000.

CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. F. Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia. In.: MONTEIRO, Dion Márcio Carvaló; MONTEIRO, Maurílio de Abreu (Org.). **Desafios na Amazônia**: uma nova Assistência Técnica e Extensão Rural. Belém: UFPA/NAEA, 2006.

CHAVES, Mário M. **Complexidade e transdisciplinaridade**: uma abordagem multidimensional do setor saúde. 1988. Disponível em <[www.ufrj.br/leptrans/3.pdf](http://www.ufrj.br/leptrans/3.pdf)>. Acesso em 17 out. 2011.

DIAGNÓSTICO organizacional participativo: relatório final. Belém: EMATER-PA, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GARBOSSA NETO, Ângelo; SILVESTRE, Fernando Sérgio; ANZUATEGUI, Ivan Andrade. **Métodos e meios de comunicação para a extensão rural**. Curitiba: [s.n.], 1986. v.2;

HENDERIKX, Elisabeth Maria Gerarda Johanna. **Álbum seriado**. Curitiba:

EMATER-Paraná, 1996. 28 p. (Informação Técnica, 30).

KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural**: uma visão interdisciplinar, conceitos, ferramentas e vivências. - Salvador: GTZ, 2007.

LOPES, Edna Bastistella. **Cartaz**: dizer o máximo com o mínimo. 2. ed. Curitiba: EMATER-Paraná, 1996. 28 p. (Informação Técnica, 30).

LOPES, José Luiz do Carmo; MONTEIRO, Maria. **Metodologia em extensão rural**: convênio MDA/EMATER/PA. Cametá: EMATER, (Curso de Metodologia em Extensão Rural), 2006.

MAGALHÃES, Everton Moreira. **Interdisciplinaridade**: por uma pedagogia não fragmentada. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/AnaisImemorial>>. Acesso em: 17 out. 2011.

METODOLOGIA de extensão rural: coletânea. In.: EMATER. **Manual de Metodologia da EMATER-PR e da EMATER-MG**. Belém: EMATER, 1983.

PARÁ. Secretária executiva de Agricultura. **Planejamento e Desenvolvimento Local**. Belém, 2002.

RUAS. Elma Dias et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável** - MEXPAR. Belo Horizonte: EMATER, 2006.

SIMÕES, Aquiles. Coleta Amazônica: iniciativas em pesquisa, formação e apoio ao desenvolvimento rural sustentável na Amazônia. In: SCHMITZ, Herbert. **Assistência técnica para a agricultura familiar**. Belém: Alves, 2003.

TAGORE, Márcia; LUCENA, Rosângela. **Diagnostico Organizacional Participativo**. Belém: EMATER-PARÁ, 2006.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo**: guia práctico-DRP. Brasília, DF: MDA, 2006-2007.



## **GLOSSÁRIO**

**AMBIVALENTE** - Ter entendimentos de ambos os lados de uma questão.

**CAPACITAÇÃO MASSIVA** – Metodologia estruturada para alcançar populações com baixos níveis de escolaridade e qualificação profissional. Objetiva, em curto prazo e a baixo custo, trabalhar com um grande número de pessoas, com finalidade de incorporá-las ao mercado produtivo, mediante organização em empreendimentos associativos de produção e/ou prestação de serviço, a partir das condições reais e das potencialidades dos indivíduos, dos grupos e da própria comunidade, na perspectiva da inserção social.

**DIFUSIONISTA-INOVADOR** – Termo citado na história da ATER brasileira que expressa a influência do modelo de desenvolvimento econômico da época, via modernização da agricultura. Têm como características básicas a difusão extensiva de inovações tecnológicas, no sentido apenas de divulgar ou impor a adoção de técnicas ou práticas referentes à utilização intensiva de insumos e máquinas agrícolas, na perspectiva do aumento da produtividade, sem levar em conta as experiências e os objetivos das pessoas atendidas.

**ECO-92** – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1992. O objetivo principal da Conferência foi buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra.

**ESTAÇÕES (Dia de Campo)** – Recurso técnico e laboratorial da metodologia Dia de Campo, apresentada em momentos sequenciados e áreas interligadas, com finalidade de demonstrar a relação teoria e prática.

**ESTRUTURALISMO** – Abordagem teórica, filosófica, de interpretação da realidade que toma como referência os condicionantes reguladores de determinada estrutura social, dissociada de uma visão mais ampla. Há nesta concepção a não consideração pelos determinantes históricos e os papéis individuais e grupais como sujeitos sociais.

**EXTERNALIDADES** – Circunstância involuntária decorrentes da ação humana, de caráter positivo ou negativo, que se sobrepõe à realidade inerente a vontade dos sujeitos.

**FITOTERÁPICOS** – Produtos medicinais a base de ervas naturais, com manipulação artesanal, utilizado tanto na medicina humana quanto animal.

**FUNCIONALISMO** – Corrente de interpretação sociológica, que estabelece uma analogia entre o corpo humano e a sociedade, pressupondo uma integração e um equilíbrio. Todos os indivíduos e instituições existentes devem contribuir funcionalmente para a manutenção da organização social.

**HOLÍSTICO** – Concepção de que os atores sociais são de natureza complexa e que, portanto, precisam ser compreendidos em suas múltiplas necessidades e realidade. Na perspectiva metodológica é o princípio da totalidade que se contrapõe a visão dualista, segmentada, presente nas práticas conservadoras.

**PARADIGMA** – Conhecimento que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo; uma referência inicial como base de modelo para estudos e pesquisas.

**PARTICIPAÇÃO** – Associada à natureza, ao grau, a forma de um indivíduo fazer parte de determinado grupo, com espaço para a exposição de opiniões e a tomada de decisões.

**SISTEMATIZAÇÃO** – Processo de organização, qualificação e formatação de informações, dados, registros, textos, para editoração e publicação.

**SOLIDARIEDADE** – relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s).

**IMBRICAR** - Disposição de objetos, sobrepondo-se em parte uns aos outros.



**Metodologias de ATER e Pesquisa com  
Enfoque Participativo  
EMATER-PARÁ  
EDIÇÃO ESPECIAL**

